

CRISTINA SORRILHA IRALA

**POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DA ATIVIDADE LEITEIRA NO
ASSENTAMENTO ITAMARATI -1**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE – MS
2009

CRISTINA SORRILHA IRALA

**POTENCIALIDADES E LIMITAÇÕES DA ATIVIDADE LEITEIRA NO
ASSENTAMENTO ITAMARATI -1**

Dissertação apresentada a Universidade Católica Dom Bosco Mestrado Acadêmico em Desenvolvimento Local, orientação: do Prof. Dr. Luís Carlos Vinhas Ítavo, como requisito para obtenção do grau de Mestre.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL
MESTRADO ACADÊMICO
CAMPO GRANDE – MS
2009

FOLHA DE APROVAÇÃO

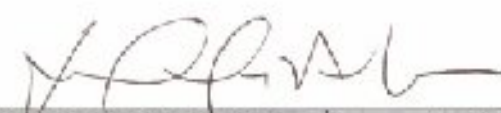
Área de concentração: Desenvolvimento local em contexto de territorialidades

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento local em territorialidades de micros e pequenos empreendimentos

Dissertação submetida à Comissão Examinadora designada pelo Conselho do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local - Mestrado Acadêmico da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Local.

Dissertação aprovada em: 17 / 08 / 2009


BANCA EXAMINADORA




Prof. Dr. Luis Carlos Vinhas Itavo - orientador
Universidade Católica Dom Bosco



Prof. Dr. Júlio César Damasceno
Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Cleonice Alexandre Le Bourlegat
Universidade Católica Dom Bosco



Prof. Dr. Josemar de Campos Maciel
Universidade Católica Dom Bosco

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e ao seu filho unigênito Jesus Cristo, pois tudo pertence a ele.

Em especial, ao meu orientador, Dr. Luís Carlos Vinhas Ítavo, pela orientação.

Ao Meu Esposo Paulo Roberto Fraga Loureiro, pela compreensão e paciência.

Aos professores do Mestrado do Desenvolvimento Local.

Aos meus colegas do Mestrado do Desenvolvimento local.

Aos meus amigos Keiko Vida, Mariluce Fernandes, Ruberval, que estiveram comigo nos momentos de dor e que apoiaram-me nos momentos de angústia, com palavras de coragem.

DEDICO

A meu irmão Roque Irala Brites Junior, pela sua alegria, pela sua impulsividade, pela garra em desafiar a vida, em viver a cada minuto, como se fosse único. Mas reconheceu que a Deus pertence a vida.

Cristina Sorrilha Irala

RESUMO

Este trabalho visou analisar as potencialidades e limitações da atividade leiteira no assentamento Itamarati -1, tendo em vista que o leite é a principal linha de produção da agricultura familiar nos assentamentos. Os objetivos são identificar a rentabilidade do leite na territorialidade do Assentamento Itamarati - 1, assim como as potencialidades e limitações dos assentados em gerenciar condições que ampliem seu desempenho. A pesquisa teve natureza quantitativa, e foram realizadas entrevistas. O estudo ficou focalizado na Central Única dos Trabalhadores (CUT); a Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI) onde foi contemplada a bacia leiteira. Foram entrevistados no total 33 famílias distribuídos conforme o tamanho dos lotes (hectares). Através dos dados apurados, verificou-se que os produtores envolvidos com atividade leiteira, que tiveram a renda menor, apresentaram faixas etárias avançadas, baixa escolaridade, com baixo índice de produtividade animal, lotação, falta de conhecimento de técnicas da atividade, além de possuir rebanho não especializado, o que refletiu na produtividade e rentabilidade da área. Um dos problemas levantados foi a falta de assistência técnica, necessidade de uma política pública e associativismo. No entanto ficou claro o potencial da região para a pecuária leiteira, com tudo esse potencial não está desenvolvido pelo fato da limitação apresentada na análise da pesquisa.

Palavras-chave: Assentamentos Rurais; Desenvolvimento local; Capital Social; Custo de Produção da Atividade Leiteira

ABSTRACT

This work aimed to examine the perspectives and limitations the activity of milk in settlement Itamarati - 1, as the milk is the main production line of family farming in settlements, rural settlements. The goals are to identify the profitability of the territoriality of settlement Itamarati - 1, as well as the potential and limitations of settlers under manage conditions that extend its performance. The search had quantitative nature, and were carried out interviews. The se study was focused on single central of workers (CUT); Federation of workers in agriculture (FETAGRI) where it was the basin. Interviewed a total of 33 families distributed as the size of lots (hectares). Through the findings, it was found that producers with activity milk, who had the lowest income, age advanced, low schooling, with low productivity animal Manning, lack of knowledge of technical activity, Flock non which reflected on the productivity and profitability of the area. One of the problems raised was the lack of technical assistance, a public and voluntary sector. However it was clear the potential of the region for the livestock dairy, and there is, since all milk produced is delivered to dairy products that provide cooler in lending.

Key words: rural settlements; Local Development, Social Capital, the cost of production

SUMÁRIO

CAPITULO 1 INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
2.1 REFORMA AGRÁRIA	19
2.2 ASSENTAMENTOS NO BRASIL.....	20
2.3 O PAPEL DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL NOS ASSENTAMENTOS.....	21
2.4 CRÉDITO RURAL.....	22
2.5 DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	23
2.6 DISTINÇÃO ENTRE ESPAÇO E LUGAR.....	25
2.7 TERRITÓRIO.....	26
2.8 TERRITORIALIDADE.....	27
2.9 CULTURA.....	28
2.10 CAPITAL SOCIAL.....	29
2.11 ASSOCIATIVISMO.....	30
2.12 CADEIA PRODUTIVA DO LEITE.....	31
2.12.1 A produção do Leite no Brasil.....	32
2.12.2 A Cadeia Produtiva do Leite em Mato Grosso do Sul.....	33
2.13 ANÁLISE ECONÔMICA DA ATIVIDADE DA PECUÁRIA DE LEITE.....	34
2.13.1 Custos na atividade leiteira.....	34
2.13.2 Cálculo de custos.....	35
2.13.3 Estrutura do custo de produção.....	37
2.14 INDICADORES DE EFICIÊNCIA ECONÔMICA.....	38
2.15 INDICADORES DE DESEMPENHO ZOOTÉCNICOS	40

CAPÍTULO 3 – ASPECTOS METODOLÓGICOS	43
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	43
3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL.....	44
3.2.1 Fazenda Itamarati	44
3.2.2 Origem do Assentamento Itamarati 1.....	44
3.2.3 Movimentos Sociais.....	47
3.2.4 A produção do Leite no Assentamento Itamarati 1.....	50
3.3 PROCEDIMENTOS.....	55
3.4 AMOSTRAGEM E COLETA DE DADOS.....	56
CAPÍTULO 4 - DIAGNÓSTICO SOCIOECONÔMICO DOS PRODUTORES DO LEITE DO ASSENTAMENTO ITAMARATI -1.....	58
4.1. CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTOR DA ATIVIDADE LEITEIRA DO ASSENTAMENTO ITAMARATI -1.....	58
4.1.1 Idade do Produtor.....	58
4.1.2 Escolaridade.....	59
4.1.3 Tempo no Assentamento.....	60
4.1.4 Territorialidade (parte do local e dono do lugar).....	60
4.1.5 Origem das Famílias do Assentamento Itamarati -1.....	61
4.1.6 Participação em associação.....	62
4.1.7 Conhecimento na atividade rural.....	64
4.1.8 Renda familiar.....	65
4.1.9 Cultura para subsistência.....	66
4.2 CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE.....	66
4.2.1 Propriedade rural.....	67
4.2.2 Distribuição das áreas para o gado de leite.....	67
4.3 ADOÇÃO DE TECNOLOGIAS.....	68
4.3.1 Espécies de pastagens.....	68
4.3.2 Evolução do rebanho.....	69
4.3.3 Sistema de produção, raça e reprodução.....	71
4.3.4 Assistência Técnica.....	73
4.3.5 Máquinas e equipamentos.....	74
4.4 QUALIDADE DO LEITE.....	75
4.4.1 Armazenamento, resfriamento e transporte do leite.....	77

4.5 DESTINO DO LEITE.....	78
4.6 CAPACITAÇÃO.....	79
4.7 ANÁLISE ECONOMICA DA ATIVIDADE LEITEIRA.....	80
4.8 GRAU DE SATISFAÇÃO.....	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	85
REFERÊNCIAS.....	88
ANEXOS.....	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização Geográfica do Assentamento Itamarati.....	45
Figura 2 - Distribuição dos lotes aos Movimentos Sociais.....	46

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Nível de escolaridade dos titulares dos lotes do Assentamento Itamarati -1.....	60
Gráfico 2 – Parte do local e dono do lugar).....	61
Gráfico 3 – Local de origem das famílias do Assentamento Itamarati -1.....	62
Gráfico 4 - Participação em Associação.....	63
Gráfico 5 – Satisfação dos assentados em relação à associação.....	63
Gráfico 6 - Atividade rural que exerciam anteriormente.....	64
Gráfico 7 – Qualidade do solo.....	67
Gráfico 8 – Distribuição percentual das áreas dos produtores	68
Gráfico 9 – Percentual das espécies de pastagens.....	68
Gráfico 10 – Sistema de Produção	71
Gráfico 11– Composição racial dos animais.....	73
Gráfico 12– Recebimento de Assistência Técnica pelos assentados.....	74
Gráfico 13 – Número de ordenhas/dia.....	76
Gráfico 14 – Capacitação solicitada pelos assentados.....	79
Gráfico 15 – Nível de satisfação em relação ao assentamento	84

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução do número de cabeças a curto, médio e longo prazo MOVIMENTO SOCIAL – CUT.....	53
Quadro 2 – Evolução do número de cabeças a curto, médio, e longo prazo MOVIMENTO SOCIAL – FETAGRI.....	54

LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Animais de origem leiteira em pastejo em propriedade (FETAGRI)....	71
Foto 2 – Animais semi-confinado (FETAGRI).....	72
Foto 3 – Ordenha manual.....	76
Foto 4 – Tambor de leite.....	77
Foto 5 – Resfriador de leite.....	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Distribuição da área e ocupação da terra por grupo social	46
Tabela 2 - Organização Social para a produção.....	47
Tabela 3 - Integração Agricultura – Pecuária - FETAGRI – (77 produtores) – Área por família : 23 há.....	51
Tabela 4 - Integração Agricultura – Pecuária - FETAGRI – (25 produtores) – Área por família: 17- 18 há.....	51
Tabela 5 - Seleção de amostragem dos lotes da atividade leiteira.....	56
Tabela 6 – Número de produtores avaliados na pesquisa.....	56
Tabela 7 - Média de idade do produtor em função do tamanho do lote, por movimento	59.
Tabela 8 - Média de tempo em anos no Assentamento Itamarati -1.....	60
Tabela 9 – Renda familiar dos assentados no início/2002 e atual 2008/2009.	66
Tabela 10 – Composição média do rebanho anterior /2002 e atual2008/2009	70
Tabela 11 – Máquinas e equipamentos.....	75
Tabela 12 – Média de produção por grupos de produtores dos movimentos sociais.....	81
Tabela 13- Média do preço do leite.....	82
Tabela 14 -Valores médios para renda bruta e custos de produção, margem bruta e o lucro do leite, mensais por grupos sociais.....	82

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O Brasil é o sexto maior produtor de leite do mundo e cresce a uma taxa anual de 4%, superior à de todos os países que ocupam colocações.

A produção de leite no Brasil é uma das atividades mais importantes do agronegócio, sendo responsável por 40% dos postos de trabalho.

O aumento significativo na produção do leite deve-se entre outros à abertura de novas fronteiras agrícolas, Região do Cerrado (especialmente Goiás) e as Regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba em Minas Gerais, além de outras regiões emergentes como Rondônia, Mato Grosso e sul do Pará. O ganho na produtividade também contribuiu para este aumento (DE SOUZA TRINDADE & DA SILVA, 2008).

No Estado de Mato Grosso do Sul a situação não é diferente, a produção de leite encontra-se atualmente no 12º lugar na classificação nacional e o 3º maior produtor da região Centro Oeste (IBGE, 2008).

Em 2004, uma entrevista dada pelo secretário de Desenvolvimento Agrário, Valteci Ribeiro de Castro no lançamento do 4º Congresso Internacional do Leite, foi citado que os assentamentos de Mato Grosso do Sul são os locais onde existem as maiores produções de leite do Estado.

O principal desafio de Mato Grosso do Sul no setor leiteiro, é traçar a trajetória e organizar o setor para que o potencial seja amplamente aproveitado.

Na busca da racionalização das atividades e na economia de custos, há um interesse muito grande no custo de leite no âmbito universitário e acadêmico, produtores, indústrias, para competir nos mercados finais (CARVALHO et al., 2008).

Conhecer o custo de produção da sua atividade tornou-se um grande instrumento no gerenciamento da atividade leiteira.

A necessidade do produtor em conhecer quanto custa produzir o leite, ou seja, qual o custo de produção servirá para verificar se os recursos empregados no processo de produção estão sendo remunerados e desta forma possibilitar uma análise do retorno do capital investido na atividade leiteira, sendo sustentável ou não.

O controle do custo de produção é uma ferramenta fundamental na análise gerencial e econômica da atividade leiteira, pois conhecendo todos os setores da fazenda, torna-se possível analisar a eficiência de cada um deles separadamente e identificar os pontos que devem ser corrigidos do sistema (MILKPOINT, 2009).

Através do custo de produção é possível identificar influências nas decisões que impactam a formação do preço de venda, principalmente em períodos recessivos e de crise e quando a demanda cai de forma relevante.

Além do custo de produção, os indicadores zootécnicos e econômicos influenciam na rentabilidade da produção de leite.

Nos assentamentos, o leite é a principal linha de produção da agricultura familiar. Segundo estudos feitos pelo Instituto de Desenvolvimento Agrário, Assistência Técnica e Extensão Rural de MS (IDATERRA) no Município de Ponta Porã em relação à pecuária de leite, está presente suprindo o mercado consumidor, mas não é atividade relevante, quer pela quantidade de vacas ordenhadas, quer pela quantidade de leite produzida.

No Plano de Desenvolvimento do Assentamento Itamarati (P.D.A., 2002) foi recomendado e contemplado a criação de uma bacia leiteira no assentamento, desde que utilizando plenamente o seu potencial.

Devido à necessidade em identificar as condições em que o assentamento Itamarati 1, vem apresentando em relação à rentabilidade do leite colocado no mercado e na sustentabilidade dos produtores. Desta forma objetivou-se analisar a rentabilidade do leite na territorialidade do Assentamento Itamarati - 1, assim como as potencialidades e limitações dos assentados em gerenciar condições que ampliem seu desempenho, na rentabilidade do leite.

Objetivos específicos foram:

- 1) identificar os aspectos sócio-econômicos dos produtores participantes da atividade leiteira do assentamento;
- 2) Avaliar o desempenho zootécnico da atividade leiteira;
- 3) Identificar a predominância da cultura, territorialidade e a dinâmica do conhecimento dos assentados;

CAPÍTULO 2

REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo aborda os referenciais teóricos que fundamenta a proposta de estudo.

A revisão destaca a reforma agrária no Brasil; definição de conceito de assentamentos; o papel da assistência técnica e extensão rural nos assentamentos; crédito rural; elementos essenciais sobre Desenvolvimento Local; Distinção entre espaço e lugar; território; territorialidade e Cultura.

São apresentados fatores fundamentais que agregue ao fator humano, social, cultural, aos aspectos econômicos da atividade leiteira: conceitos de cultura; capital social; associativismo; cadeia produtiva do leite. E os dados para análise econômica da atividade da pecuária de leite; indicadores de eficiência econômica e desempenhos zootécnicos.

2.1 REFORMA AGRÁRIA

O controle da terra por uma pequena parcela de proprietários foi um dos fatos determinantes na definição da estrutura agrária no Brasil até a atualidade (PRADO JÚNIOR, 1970, *apud* GERD, 2003). Numa descrição histórica pode-se destacar que em 1962, foi criada a Superintendência de Política Agrária (SUPRA). Em 1963, foi aprovado sancionado o Estatuto do Trabalhador Rural, que inseria o trabalho no campo dentro da legislação trabalhista. No início de 1964, o governo federal tomou uma série de providências com vistas a efetivar a desapropriação de terras, além de propor mudanças na Constituição para permitir a reforma agrária (GOMES DA SILVA, 1971 GERD, 2003).

Em 1970, foram extintos o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) órgão responsável de executar a Reforma Agrária e o Instituto Nacional de

Desenvolvimento Agrário (INDA) encarregado pelas políticas de desenvolvimento rural e foi criado o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

Em 1985 foi criado o Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (MIRAD), ao qual o INCRA passou a ser subordinado. O INCRA elaborou o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA), que previa o assentamento de 1.400.000 famílias nos cinco anos subseqüentes.

A Constituição de 1988 tratou da questão da desapropriação de terras para fins de reforma. A Reforma Agrária para que obtenha êxito implica em uma nova concepção de desenvolvimento a ser participada por todos os atores envolvidos na sua implementação, ou seja, as instituições públicas e privadas, os técnicos e os trabalhadores rurais.

O objetivo da reforma agrária seria promover a melhor distribuição da terra, mediante modificação no regime de sua posse e uso, a fim de atender aos princípios da justiça social e ao aumento de produtividade, tal concepção foi estabelecida no Estatuto da Terra (INCRA, 2008).

A reforma agrária também é vista como um meio para o fortalecimento da agricultura familiar, não é finalidade em si mesma. Apoiando-se na premissa de que esta forma produtiva representa, para os beneficiários e para o País, o melhor caminho para a incorporação, ao patrimônio produtivo nacional, das superfícies agrícolas que se encontram subutilizadas (GUANZIROLI, 1998).

2.2. ASSENTAMENTOS NO BRASIL

O assentamento é o retrato físico da Reforma Agrária. O assentamento ocorre quando o INCRA, após receber legalmente a posse da terra, transfere para trabalhadores rurais sem terra a fim de que a cultivem e promovam seu desenvolvimento econômico (INCRA, 2008).

Para ser um assentado deve possuir alguns requisitos tais como: ser trabalhador rural sem terra, ou que trabalha individualmente em regime de economia familiar, assim entendido o trabalho dos membros da família, indispensável à própria subsistência.

A definição de trabalhador rural segundo Oliveira Neto (2005) é toda pessoa que presta serviços de natureza rural que desenvolve funções tipicamente rurais,

tais como: capinar, limpar pastos, retirar leite, cuidar do gado, plantar, colher, e outras atividades rurais.

Geralmente quando uma área é desapropriada, os que tiverem morando nela, como arrendatários ou parceiros, o INCRA dá prioridade. E serão assentadas outras famílias que estejam cadastradas pelo INCRA que atendam os requisitos legais (INCRA, 2008).

2.3 O PAPEL DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL NOS ASSENTAMENTOS

Castro (2005) definiu a assistência técnica onde ocorre a transferência ou difusão de técnicas e é efetuada sem o uso de processos educativos. A assistência técnica pode ser de órgão do governo ou de empresas particulares.

A extensão rural é a de difundir e transferir técnicas de trabalho, produção e comercialização, úteis e sustentáveis, aos produtores rurais, por meio de métodos educativos (ARAUJO E PETTNAN, 2007).

Para o INCRA a assistência técnica é um serviço de orientação às famílias de agricultores assentados, nos assuntos relativos à implantação e desenvolvimento de culturas e pastagens, armazenamento e comercialização de produtos, criação de animais, introdução de novas tecnologias, bem como ações que estimulem a organização dos assentados.

A extensão rural é tradicionalmente entendida como uma deliberada intervenção, de natureza pública ou privada, em um espaço rural, realizada por agentes externos ou por indivíduos do próprio meio, orientada à realização de mudanças no processo produtivo agrosilvopastoril, ou em outros processos socioculturais e econômicos inerentes ao modo de vida da população rural implicada (CAPORAL, 2003).

Pelo Decreto nº 4.739, de 13 de junho de 2003, as atividades de assistência técnica e extensão rural passou a ser coordenada pelo Departamento Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER), cuja finalidade é formular, coordenar e programar as políticas de assistência técnica e extensão rural, capacitação e profissionalização de agricultores familiares, ou seja, a transferência ou difusão de técnicas é de trabalho, produção e comercialização aos produtores rurais. Um dos objetivos da

ATER é que seja capaz de promover e apoiar estratégias que levem à sustentabilidade socioeconômica e ambiental no meio rural.

O órgão responsável pelos trabalhos de extensão rural e assistência técnica, em Mato Grosso do Sul é a Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER), resultante da transformação do Instituto de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural de Mato Grosso do Sul (IDATERRA), criada pela Lei n. 3.345 de 22 de dezembro de 2006, que reorganizou a estrutura básica do Poder Executivo do Estado de Mato Grosso do Sul.

Um dos objetivos da AGRAER é a promoção do inter-relacionamento entre os órgãos de pesquisa agropecuária, assistência técnica e extensão rural e os produtores rurais, tanto para a identificação das necessidades como para a transferência da tecnologia gerada e avaliação dos resultados. A função da AGRAER no assentamento Itamarati -1 é de extensão rural.

Segundo o Projeto de Desenvolvimento do Assentamento Itamarati (P.D.A., 2002), que é um instrumento que tem como objetivo descrever todas as dimensões do assentamento, planejar as atividades que serão desenvolvidas ao longo dos dez primeiros anos do assentamento, a assistência técnica proposta para o Projeto de Assentamento Itamarati, é identificar o projeto de vida do agricultor e de sua família, de onde se encontra atualmente e a onde quer chegar a curto, médio e longo prazo.

O projeto de vida do agricultor é importante tendo em vista que tem um propósito em sua vida e quer chegar à felicidade que está diretamente relacionada ao fato de se viver de maneira coerente com esse propósito e para assistência técnica é um importante referencial para a intervenção, pois diante de sua realidade, o técnico será capaz de buscar soluções e modelos de desenvolvimento econômico e social com grandes chances de êxito (INCRA, 2008).

2.4 CRÉDITO RURAL

O crédito rural é um financiamento bancário que visa atender às necessidades para produção e comercialização dos seus produtos, favorecendo a setor rural, permitindo e o desenvolvimento de tecnologias que irão promover a melhoria da produtividade e o aumento da produção de alimentos.

Existem vários planos e programas de financiamento, dentre eles o Programa Nacional de Financiamento Agrícola Familiar (PRONAF), crédito rural utilizado nos assentamentos que é um programa de apoio ao desenvolvimento rural.

2.5 DESENVOLVIMENTO LOCAL

Conceituar Desenvolvimento local ou em que se baseia o seu significado primeiramente é necessário saber a que de fato veio o desenvolvimento local para depois conceituá-lo (ÁVILA, 2006).

Segundo Ávila (2006) o desenvolvimento local veio para que o mundo subdesenvolvido para que possa romper as amarras internas quanto externas que o prendem às pessoas em seu status *quo* de vida permitindo o desenvolvimento das capacidades, competências e habilidades de uma comunidade. Essa comunidade, mediante colaboração ativa de agentes externos e internos, deve se tornar paulatinamente apta a agenciar e gerenciar o aproveitamento dos potenciais próprios.

O desenvolvimento produz um estímulo às pessoas em busca de novas oportunidades, na criação de novos espaços, dando resposta aos seus problemas.

Ávila (2000) destacou que o Desenvolvimento Local não é desenvolvimento para o local, onde empreendimentos localizam-se no local apenas como sede física, gerando benefícios a comunidade, podendo se deslocar a qualquer momento. A comunidade deve estar ciente que o desenvolvimento situa-se no local, enquanto gerar lucro.

O que acontece é que na maioria das vezes, as empresas se instalam na localidade aproveitando benefícios dos governos estaduais ou municipais e gerando benefícios ao local. Quando o local não gerar mais benefícios a empresa, retira-se deixando problemas devastadores ao mesmo, ao meio ambiente e a sua população.

Martins (2002) ressaltou que o verdadeiro diferencial do desenvolvimento local implica na questão da participação da comunidade que atribui e assegura o papel de agente e não apenas de beneficiária do desenvolvimento. Isto seria segundo o autor o Desenvolvimento endógeno batizado por iniciativas, necessidades e recursos locais, tal como uma comunidade que de fato se conduz a caminho do desenvolvimento ou da promoção do seu bem estar.

Como propõe Martín (1999, p. 172), *apud* Martins (2002) o desenvolvimento local proporcionou à escala humana que deve ser entendido como a satisfação das necessidades humanas fundamentais através do “protagonismo real e verdadeiro de cada pessoa.

Neste sentido, para explorar essas potencialidades que Ávila (2003) colocou como um processo de Desenvolvimento Local que converge para a endogeneização de capacidades, competências e habilidades no sentido de que cada comunidade-localidade se torne paulatinamente apta a se desenvolver de dentro para fora, em conformidade com suas peculiaridades bem como diagnosticando, explicitando e implementando suas potencialidades.

Buarque (1999, p. 9) definiu Desenvolvimento Local como sendo um processo endógeno:

É um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e a melhoria na qualidade de vida da população.

Representa uma singular transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, resultante da mobilização das energias da sociedade, explorando as suas capacidades e potencialidades específicas.

Como se observa o Desenvolvimento Local pode ser definido como o despertar, a mobilização e a emergência das potencialidades de evolução em busca de qualidade de vida financeira ou humana de uma comunidade. O Desenvolvimento deve ser realizado em harmonia e interativo-evolutiva com as dinâmicas das condições culturais, sociais, ambientais e materiais (ÁVILA, 2000).

A Comunidade que desperta por iniciativas próprias, necessidades e recursos locais, se conduzindo a caminho do desenvolvimento, ou da promoção do seu bem estar é desenvolvimento endógeno (MARTIN, 1999 *apud* MARTINS, 2002).

Segundo Ávila (2006) o processo de endogeneização é um desabrochamento das capacidades, competências e habilidades de uma comunidade visando à auto-gestão e aproveitamento das suas próprias potencialidades visando à melhoria da qualidade de vida das pessoas, e para que isso aconteça, ele deve inseri-la no seu meio a cultura solidária.

Desenvolvimento local também é fruto de relações de conflito, competição, cooperação e reciprocidade entre atores, interesses e projetos de natureza social, política e cultural (MILANI, 2003).

Ávila (2006) ressaltou o que pode ser feito gradativamente enquanto Desenvolvimento Local por qualquer povo, desde que em regime democrático, através de suas comunidades concretamente localizadas: sensibilizar-se mobilizar-se e organizar-se para a geração gradativamente cooperativa de seu próprio bem estar de base, como o desvelamento de auto-estima, o cultivo da autoconfiança e o tornar-se capaz, competente e hábil para discernir e busca tanto suas próprias alternativas de rumos sócios-pessoais futuros quantas soluções possíveis, no seu âmbito ou fora dele, para seus mais imediatos problemas, necessidades e aspirações.

Buarque (1999) afirmou que as experiências bem-sucedidas de desenvolvimento local (endógeno) decorrem, quase sempre, de um ambiente político e social favorável, expresso por uma mobilização, e, principalmente, de convergência importante dos atores sociais do município ou comunidade em torno de determinadas prioridades e orientações básicas de desenvolvimento.

2.6 DISTINÇÃO ENTRE ESPAÇO E LUGAR

A primeira definição de lugar é a referência para um indivíduo. Também o lugar é visto como espaço vivido como qual se estabelece laços efetivos (CARLOS, 1996).

São nesses espaços vividos que se ampliam, a ação comunicativa, o diálogo entre os diferentes, em cada instante vivido. Onde estrangeiro traz consigo uma temporalidade vivida, de modo que o lugar proporciona a interação de diferentes tempos sociais, com oportunidades de aprendizagem e inovação. Olhando o sujeito com o que se podem trocar experiências numa relação interativa, intercultural e dialoga entre sujeitos (LE BOULERGAT, 2006).

Souza (1995, p. 3) definiu “espaço é considerado como “espaço da atividade humana, desde o espaço arquitetônico, numa escala mais baixa, até a escala de toda a superfície da Terra”.

Para Carlos (1996) o lugar é à base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar.

Le Bourlegat (2006) descreveu :

O lugar se apresenta como um mundo individual e particular de quem nele vive e compartilha a vida com outros. Cada lugar é um mundo de existência coletiva e nele se manifesta todas as dimensões da vida (espaço multidimensional). O lugar é espaço percebido pela inteligência intuitiva e colorido por sentimentos nutridos pelos indivíduos e coisas que dele fazem parte.

Santos (1996) ressaltou como sociedade em movimento, ou seja, espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado certo arranjo de objetos geográficos, objetivos naturais e objetos sociais, e de outra, a vida que os preenche e os anima.

O lugar é a base territorial, o cenário de representações e de práticas humanas que são o cerne de sua singularidade; o “espaço da convivência humana”, onde se localizam os desafios e as potencialidades do desenvolvimento.

2.7 O TERRITÓRIO

O território não pode ser visto apenas como conjunto dos sistemas naturais e de sistemas de coisas superpostas.

Segundo Santos (1994) “O território tem que ser entendido como o território usado, não o território em si”. A identidade é o sentimento de pertencer aquilo a que se pertence. O território é o fundamento do trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida.

Raffestin (1993) definiu que território se forma a partir do espaço onde o resultado de uma ação é conduzido por um ator que realiza um cronograma em qualquer nível que ao se apropriar desse espaço concreta ou abstratamente territorializa o espaço.

Santos (1994) dissertou sobre a formação do território:

O território, hoje, pode ser formado de lugares contíguos e de lugares em rede. São, todavia, os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal. São os mesmos lugares, os mesmos pontos, mas contendo simultaneamente funcionalizações diferentes, quiçá divergentes ou opostas.

Sobre o espaço local e vivido segundo Santos (1994) há um conflito que se agrava entre, um espaço local, espaço vivido por todos os vizinhos. Por que o espaço global, habitado por um processo racionalizador e um conteúdo ideológico de origem distante e que chegam a cada lugar com os objetos e as normas estabelecidos para servi-los. Daí a necessidade de retomar a noção de espaço banal que é o território de todos, onde é contido nos limites de trabalhos de todos.

Para Santos (1994, p. 1) "Os territórios são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado"

Arenhardt (2006 p. 33) definiu "essa interação com o espaço ou o território pode ser definido como laços afetivos que o ser humano mantém com o meio ambiente ou o espaço físico."

De acordo com Tuan (1980, p. 107) *apud* Arenhardt (2006 p.34) são esses laços sentimentais que se estabelecem com o lugar ou meio ambiente, que se tem mais dificuldades de expressar por ser o nosso lar, o meio de se ganhar a vida, por se tornar despercebido a realidade.

Assim o Assentamento da Fazenda Itamarati é o território onde é o espaço que o ser humano estabelece o seu vínculo afetivo, constrói sua história e estabelece suas relações sociais, o meio de ganhar a vida e onde ocorre o jogo das forças dominantes.

2.8 TERRITORIALIDADE

A territorialidade pode ser entendida como um "conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional: sociedade, espaço e tempo em vias de atingir a maior autonomia possível e compatível com os recursos do sistema" (RAFFESTIN, 1993, p.160).

Bonnemaison (2002, p. 99) distinguiu a territorialidade em duas atitudes:

A territorialidade se situa na junção dessas duas atitudes; ela engloba simultaneamente, aquilo que é fixação e aquilo que é mobilidade - dito de outra maneira, os itinerários e os lugares. Por conseguinte, a territorialidade é compreendida muito mais pela relação social e cultural que um grupo mantém com a trama de lugares e itinerários que constituem seu território do que pela referência aos conceitos habituais de apropriação biológica e de fronteira

Bonnemaison (2002) expressou territorialidade como comportamento vivido onde ela engloba, ao mesmo tempo, a relação com o território e, a partir dela, a relação com o espaço "estrangeiro". Incluindo aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus e aquilo que o impele para fora do território, lá onde começa "o espaço".

A territorialidade reflete o vivido nas suas múltiplas dimensões culturais, política, econômica e social, desenvolvido a partir da coexistência dos atores sociais em um dado espaço geográfico, gerando um sentimento de sobrevivência do coletivo e referências socioculturais comuns, mesmo que considerada a diversidade de interesses ali presentes (ALBAGLI & MACIEL, 2004).

2.9 CULTURA

O conceito de cultura segundo Johnson (1997, p. 59) *apud* Ávila (2006) é:

o conjunto acumulado de símbolos, idéias e produtos materiais associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. Juntamente com ESTRUTURA SOCIAL, POPULAÇÃO e ECOLOGIA, constitui um dos principais elementos de todos os sistemas sociais e é conceito fundamental na definição da perspectiva sociológica.

Ávila (2006) analisou a cultura do ponto de vista sociológico tomando como referência Johnson (1997, p. 59) onde considerou a cultura como um conjunto acumulado de símbolos, idéias e produto associados a um sistema social, seja ele uma sociedade inteira ou uma família. E ainda, considerou sob dois aspectos: a cultura material que inclui tudo o que é feito, modelado ou transformado como parte da vida social coletiva, e a cultura não-material, onde são incluídos símbolos – de palavras à notação musical, bem como as idéias que modelam e informam a vida de seres humanos em relações recíprocas dos quais participam, as atitudes, crenças, valores e normas.

Enfatizando que o aspecto da cultura refere-se como conceito fundamental na definição da perspectiva sociológica, ensejando o direcionamento na definição do papel da cultura para a prospecção do futuro, onde a cultura ajuda a melhor conhecer o presente dessa mesma sociedade ou família.

A idéia de cultura não pode ser separada da idéia de território.

E pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço. A partir daí, podemos chamar de abordagem cultural ou análise geocultural tudo aquilo que consiste em fazer ressurgir as relações que existem no nível espacial entre a etnia e sua cultura (BONNEMAISON, 2002, p. 101-102).

Para Jara (1999), a cultura é a forma de vida de um povo, sua personalidade, os conhecimentos, as crenças, idéias coletivas, costumes; a maneira como as pessoas de um determinado agrupamento social, inseridas num determinado meio ambiente, se organizam para conseguir seus objetivos, após uma cadeia de ensaios e erros.

2.10 CAPITAL SOCIAL

O conjunto de normas de reciprocidade, informação e confiança presentes nas redes sociais informais desenvolvidas pelos indivíduos em sua vida cotidiana, denomina-se capital social, o que resulta em numerosos benefícios diretos ou indiretos, sendo determinante para a compreensão da ação social foi denominado pelo Putnam (1993) como capital social.

Outro recurso do capital social é a confiança, apontada por Putnam (1996) como uma forma de previsão que se tem sobre o comportamento do outro a respeito de sua disposição, alternativas e capacidades para agir segundo regras coletivas. A confiança é vista como uma forma de reciprocidade que abastece os laços sociais, expressa através de ações altruísticas de curto prazo com a espera de uma recompensa em algum ponto do futuro.

Já Fukuyama (1996) vê a confiança como uma característica imprescindível na criação e na manutenção do capital social. Para ele, as associações mais eficientes são aquelas baseadas em valores éticos, de crença na estrutura criada, não requerendo contratos e medidas legais para salvaguarda de suas relações.

Desenvolver o capital social nas comunidades locais é uma forma de resgatar ou fortalecer a confiança, as relações interpessoais, a coesão social e o associativismo entre as pessoas. O capital social se torna importantes ao criar um ambiente favorável às pessoas desenvolverem suas potencialidades humanas, tornando-se condição indispensável para o desenvolvimento econômico e melhor qualidade de vida (FUKUYAMA 2000, p.30 *apud* ARENHARDT 2006, p. 42).

O capital social permite através da gestão conjunta a integração de forças e vontades, a construção de espaços relacionais de cooperação, responsabilidade e transparência na construção de espaços comuns.

O capital social através da gestão conjunta propicia facilidade de compartilhamento de informações e conhecimentos, bem como custos mais baixos, devido a relações de confiança, espírito cooperativo, referências socioculturais e objetivos comuns; coordenação de ações e maior estabilidade organizacional, devido a processos de tomada de decisão coletivos; conhecimento mútuo, ampliando a previsibilidade sobre o comportamento dos agentes, reduzindo a possibilidade de comportamentos oportunistas e propiciando maior compromisso em relação ao grupo (LIN et al. , 2001 *apud* ALBAGLI & MACIEL, 2004).

2.11 ASSOCIATIVISMO

O conceito de associativismo, na sua forma de organização social, caracterizado normalmente de voluntariado como instrumento de satisfação das necessidades humanas.

Segundo Frantz (2002) O fenômeno da associação, com o sentido de aproximação, identidade, solidariedade, colaboração, cooperação entre pessoas ou grupos sociais, pode-se estender do campo das idéias até às práticas sociais, sejam elas práticas da cultura, da política ou da economia. No entanto, não é apenas um movimento de aproximação. No movimento de aproximação estão também as experiências e as intenções os interesses das pessoas que se aproximam.

Na comunicação das intenções de cada integrante do processo associativo, que se constrói a força e o sentido comum do movimento social de quem se aproxima, dos que se identificam. Também na associação, pela comunicação, constrói-se poder de ação. Este se realiza, socialmente, pela cooperação instrumentalizada e organizada (FRANTZ, 2002).

O associativismo é uma forma organizada encontrada de um grupo ou sociedade para a solução de problemas comuns, a impossibilidade de produção individual.

Segundo Arenhardt (2006) O desenvolvimento local propicia a busca do melhor. E o associativismo que irá expressar essa relação entre indivíduos com

interesses comuns fazendo com se associem em função de interesse que podem desencadear ações de cooperação com reflexo no desenvolvimento local.

O movimento cooperativista que se encontra presente em praticamente todos os setores da economia nacional tem amparo legal na Constituição Federal, Código Civil e na Lei 5.764/71.

2.12 CADEIA PRODUTIVA DO LEITE

Definição de cadeia produtiva é abrangente e a primeira vez que surgiu a palavra cadeia foi na década de 60, na escola industrial francesa *filière*.

A tradução de *filiere* para o português dá origem à expressão cadeia de produção, no setor agroindustrial, cadeia de produção agroindustrial.

Morvan (1985) *apud* Batalha (1997) definiram a cadeia de produção como um encadeamento técnico, econômico ou comercial, entre as etapas de produção, ou seja: a) uma sucessão de operações de transformação dissociáveis, capazes de ser separadas e ligadas entre si por um encadeamento técnico; b) um conjunto de relações comerciais e financeiras estabelecidas entre os estágios de transformação; e c) um conjunto de ações econômicas que permitem a valorização dos meios de produção e garantem a articulação das operações.

A cadeia de produção agroindustrial (CPA) é definida a partir da identificação de um determinado produto final. Após essa identificação, cabe, para efeito de análise, ir encadeando de jusante à montante, as várias operações técnicas, comerciais e logísticas necessárias à sua produção (BATALHA, 1997).

Zylbersztajn (2000) *apud* Bacargi () argumentou que uma cadeia de produção agroindustrial pode ser entendida como uma seqüência de ações técnicas e econômicas, podendo ser, identificado cinco transações: insumos que envolvem as empresas as de insumos e os produtores rurais que realizam a venda e compra de insumos, necessários a produção; transação, que corresponde a venda, por parte dos produtores, e a compra pelas indústrias, do produto *in atura*; as indústrias e as empresas (agentes) especializados pela distribuição do produto final; as empresas (agentes de distribuição) e o mercado (pontos de venda) onde são comercializados os produtos finais e por fim a relação entre os pontos de venda e o consumidor. E as diversas etapas de uma cadeia de produção alimentar sobressaem: comercialização,

industrialização, produção de matérias primas, fornecimento de insumos (BACARJI, 2006).

A cadeia agroindustrial do leite pode ser representada por quatro mercados diferentes: mercado entre os produtores de insumos e os produtores rurais/ mercado entre os produtores rurais e agroindústria/ mercado entre agroindústria e distribuidores/ mercado entre distribuidores e consumidores finais.

2.12.1. A Produção do leite no Brasil

A década de 1990 caracteriza-se por grandes transformações no setor leiteiro pela abertura da economia brasileira para o mercado internacional, em especial a criação do MERCOSUL, a desregulamentação do mercado do leite a partir de 1991, a estabilização de preços da economia brasileira em decorrência do Plano real.

Segundo Martins (2004) as condições edafo-climáticas favoráveis, ou seja, topografia plana, regularidade de chuvas, temperatura elevada e profundidade dos solos do País propiciam a atividade leiteira devido às peculiaridades regionais, observando-se, conseqüentemente, a existência de diversos sistemas de produção.

A pecuária de leite é praticada em todo o território nacional e a sua produção é basicamente doméstica, e fazem parte deste setor os produtores que utilizam técnicas rudimentares e outras técnicas especializadas tendo ainda como característica o mercado informal de leite no Brasil.

Devido o mercado informal, o consumidor passou a assumir uma posição privilegiada com as transformações ocorridas na cadeia produtiva do leite, levando a uma reorientação de procedimentos em toda cadeia desde a sua produção até a distribuição (MEDEIROS, 2005).

Martins (2004) ressaltou que existem importantes desafios na coordenação da cadeia, na eliminação das distorções do mercado internacional, no aumento de consumo de lácteos, no crescimento das exportações, entre outros.

E necessária a ação conjunta de todos os segmentos da cadeia, para realização permanente de estudos e estratégias que permitam entender as mudanças em curso no mercado e também para esclarecer a opinião pública e o governo da importância dessa cadeia produtiva, sob a ótica econômica de geração

de renda, social do emprego e de saúde, sob a questão segurança alimentar (MEDEIROS, 2005).

O Brasil ocupa o 6º lugar no ranking da produção de leite mundial, com uma produção de 27 bilhões de litro, Minas Gerais são responsáveis por 1/3 da produção nacional, e o Paraná é o segundo colocado com 10,3% (CASTRO, 2008).

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006) os estados que mais produzem leite são : Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Goiás. Do ponto de vista regional, a modificação recente mais importante foi o grande aumento na produção de leite nas regiões de fronteira.

2.12.2 A Cadeia produtiva do leite em Mato Grosso do Sul

A produção do leite em Mato Grosso do Sul é atualmente considerada a terceira atividade econômica (MICHELS et al, 2003).

O Estado de Mato Grosso do Sul encontra-se atualmente no 12º lugar na classificação nacional e produz 490 milhões de litros ao ano (IBGE, 2008).

Estudos feitos pelo Michels et al. (2003), sobre a cadeia produtiva do leite, sob a ótica do conceito de *analyse de filière* em Mato Grosso do Sul para subsidiar o Estado com informações sobre as reais condições em que se encontra o agronegócio leite. A pesquisa foi realizada com base nas 8 bacias leiteiras: Aquidauana, Centro-Norte, Bolsão, Campo Grande, Nova Andradina, Glória de Dourados, Cone sul e de Dourados no ano de 2000. Foram realizadas visitas e entrevistas em 12 municípios do Estado distribuídos segundo as bacias leiteiras.

Constatou-se que o segmento produtivo é caracterizado pela grande dispersão dos produtores em todo o Estado e preocupação de regiões geograficamente distantes. As características dos produtores no Estado não se distanciam da realidade brasileira: baixo nível de informação dos produtores, produção não especializada, baixa produtividade e pequenos volumes de produção. A bovinocultura de leite, no Mato Grosso do Sul, utiliza-se de financiamentos para aquisição de animais, custeio, investimentos. A concentração do uso de resfriadores nas propriedades rurais, em determinadas bacias leiteiras, dá-se em razão das condições de produção, volume produzido e da infra-estrutura, eletrificação o momento da comercialização é determinado basicamente pela necessidade financeira. O produto é vendido de acordo com as condições estabelecidas pelas

indústrias. As propriedades do Mato Grosso do Sul empregam em média 02 funcionários. A grande maioria atua de forma individual, poucos estão vinculados a alguma forma de Associação ou Cooperativa (MICHELS et al., 2003).

2.13 ANÁLISE ECONÔMICA DA ATIVIDADE DA PECUÁRIA DE LEITE

2.13 .1 Custos na atividade leiteira

A importância em conhecer custos principalmente para os produtores que atuam na bovinocultura é para conhecer e como determinar o custo de produção do leite.

Santos & Marion (1996, p. 53) definiram Sistema de Custos na atividade rural como um conjunto de procedimentos administrativos que registra de forma sistemática e contínua a efetiva remuneração dos fatores de produção empregados nos serviços rurais.

Dessa forma, entende-se por custo de produção a soma de valores de todos os recursos e operações utilizados no processo produtivo da atividade pecuária, para fins de análise econômica.

A necessidade de analisar economicamente a atividade leiteira é importante, pois, através da análise produtor passa a conhecer com detalhes e a utilizar, de maneira inteligente e econômica, os fatores de produção (terra, trabalho e capital).

A análise econômica é o processo pelo qual o produtor passa a conhecer os resultados obtidos, em termos monetários, de cada atividade da empresa rural. É por meio de resultados econômicos que o produtor pode tomar, conscientemente, suas decisões e encarar o seu sistema de produção de leite como uma empresa (LOPES & CARVALHO, 2000).

Alves & Assis (2000) *apud* Gonçalves (2005) ressaltou a importância do acompanhamento do custo de produção de uma atividade leiteira, pois mede a eficiência zootécnica para avaliar a rentabilidade econômica do empreendimento. Se o preço do leite se mantiver abaixo do custo e produção por longo período, o produtor é forçado a melhorar a eficiência produtiva, principalmente pela adoção de novas tecnologias, sob pena de trocar de atividade econômica

Através da análise econômica é possível detectar o ponto de equilíbrio entre as receitas e despesas, e determinar os esforços gerenciais e tecnológicos para atingir os objetivos de maximização de lucros ou minimização de custos.

Segundo Lopes & Carvalho (2000) os custos de produção tem as seguintes finalidades: servem para analisar a rentabilidade da atividade leiteira; reduzir os custos controláveis; determinar o preço de venda compatível com o mercado em que atua; planejar e controlar as operações do sistema de produção do leite; identificar e determinar a rentabilidade do produto; identificar o ponto de equilíbrio do sistema de produção de leite; servir como ferramenta extremamente útil para auxiliar o produtor no processo de tomada de decisões seguras e corretas

2.13.2 Cálculo de Custos

A finalidade de calcular custos na atividade leiteira para que tenha como base subsídios para tomada de decisão a curto prazo.

Segundo Lopes & Carvalho (2002) todas as despesas e gastos mensuráveis necessários para a produção do leite devem ser considerados na determinação do custo de produção tais como:

Mão-de-obra

Devem ser considerados os gastos com mão-de-obra contratada, encargos sociais, assistência (agronômica, contábil, veterinária, zootécnica), consultorias ocasionais, mão-de-obra eventual, mão-de-obra familiar, além de outras.

Alimentação

Devem ser considerados os gastos com todos os tipos de alimentos (grãos, farelos, aditivos, capineiras, pastagens, feno, silagens, núcleos, suplementos, leite para bezerros, minerais etc.)

Sanidade

São exemplos de itens que se enquadram neste grupo de despesa: água oxigenada, agulhas para aplicação de medicamentos, álcool, anestésicos, antibióticos, anti-inflamatórios, antimastíticos, antitérmico, antitóxicos, acaricidas, carrapaticidas,

complexos vitamínicos e minerais, formol, hormônios, mata-bicheiras, vacinas, seringas, vermífugo e outros.

Reprodução

Devem ser considerados os gastos com sêmen e aplicador, bainhas, luvas, nitrogênio líquido e pipetas.

Ordenha

São exemplos de itens que se enquadram neste grupo de despesa: camisa de filtro, detergente ácido e alcalino, escovas, hipoclorito, óleo para bomba de vácuo, papel-toalha, peças de reposição, produtos pós-dipping e pré-dipping, reagente CMT, sabão em pó e outros.

Impostos

Devem ser computados os impostos cujos valores independem da quantidade de leite produzida. Impostos como IPVA (Imposto de Propriedade de Veículos automotores) e territorial rural (ITR) devem ser considerados.

Despesas Diversas

Como despesas diversas, deverão ser registradas os itens que não se enquadram nos grupos acima. Podem-se citar: brincos (identificação), combustível, contribuição rural, material de escritório, encargos financeiros (juros), energia elétrica, frete / carreto, horas de trator, alguns impostos que variam em função da quantidade de leite produzida (PIS, COFINS, IRPJ, lubrificantes, materiais de limpeza, reparo e manutenção (de benfeitorias, de equipamentos, de máquinas e de veículos), taxas (associação de produtores, por exemplo).

Depreciação

A depreciação é usada para estimar a perda de valor de todo bem com vida útil superior a um ciclo produtivo. Somente têm depreciação os bens que possuem vida útil limitada; portanto, a terra não tem depreciação.

2.13.3. Estrutura do Custo de Produção

Segundo Lopes & Carvalho (2000), para determinar o custo de produção de um produto agropecuário podem ser utilizados duas metodologias: custo total de produção e custo operacional.

Custo total de produção

Para definir onde começam os custos de produção e onde terminam, e o grande problema entre a separação custos e despesas de venda. A regra é simples, bastando definir-se o momento em que o produto está pronto para a venda. Até aí, todos os gastos são custos, a partir desse momento, despesas (MARTINS, 2006).

O custo total de produção constitui das somas dos valores de todos os recursos, ou seja, os insumos, os serviços e o capital investido na atividade, por um determinado período.

No custo total de produção são considerados tantos os custos fixos como as variáveis.

Custos fixos são os custos ou despesas que se não variam com a variabilidade da atividade escolhida. São aqueles, segundo LEONE (2000, p 55), “que não variam de acordo com o volume da atividade.

Os custos fixos na atividade leiteira são a depreciação de benfeitorias (sala de ordenha, curral, máquinas, galpão) animais destinados a reprodução máquinas, implementos, equipamentos, alguns impostos do produtor rural e do capital fixo.

Custos variáveis são aqueles que variam de acordo com os volumes de atividades devem estar representados por base de volume, que são geralmente medições físicas (LEONE, 2000).

Crepaldi (1998, p. 92) apontou que o “custo variável é proporcional ao volume produzido. Por exemplo, pode-se citar insumos, embalagens. Se não houver quantidade produzida, o custo variável será nulo. Os custos variáveis aumentam à medida que aumenta a produção agrícola”.

Na atividade leiteira são custos variáveis com a mão-de-obra, despesas com alimentação do rebanho, reprodução, medicamentos, alguns impostos despesas gerais.

Custo operacional efetivo

Custo operacional efetivo e o custo total sem a depreciação e considerando o custo de oportunidade (LOPES et al., 1999 *apud* BARROS, 2008).

Os custos operacionais efetivos são aqueles nos quais ocorre efetivamente desembolso ou dispêndio em dinheiro (LOPES & CARVALHO, 2000).

2.14 INDICADORES DE EFICIÊNCIA ECONÔMICA (Rentabilidade)

O objetivo da análise econômica da atividade serve para analisar a diferença por intermédio do custo de produção e de indicadores de eficiência econômica, como a margem bruta, margem líquida e resultado (lucro ou prejuízo), é um forte subsídio para a tomada de decisões na empresa agrícola (LOPES & CARVALHO, 2000).

O custo de produção é o valor mínimo que produtor deve receber para sobreviver na atividade produtiva desenvolvida (TORRES GOMES, 2007).

Margem Bruta

A margem bruta é uma medida de resultado econômico que poderá ser usada considerando que o produtor possui os recursos disponíveis (terra, trabalho e capital) e necessita tomar decisões sobre como utilizar eficazmente esses fatores de produção (HOFFMANN et al., 1981).

A Margem Bruta pode ser calculada da seguinte forma:

Margem bruta é a diferença entre a receita total e o custo operacional efetivo.

Se o valor da margem bruta for positivo, ou seja, se estiver superior aos custos operacionais efetivos, é sinal de que a atividade está se remunerando, e sobreviverá, pelo menos, a curto prazo e se o valor da margem bruta for negativo, ou seja, se estiver inferior aos custos operacionais efetivos, significa que a atividade está antieconômica (LOPES & CARVALHO, 2000).

Martins (2004) ressaltou que através da margem bruta pode-se avaliar a eficiência da atividade a curto prazo.

Margem Líquida

A margem líquida é o indicador usado na análise financeira de empresas, que expressa a relação entre o lucro líquido da empresa e a sua receita líquida de vendas. A margem líquida determina a porcentagem de cada R\$ 1 de venda que restou após a dedução de todas as despesas, inclusive o imposto de renda, e é calculada como sendo o quociente entre o lucro líquido e a receita líquida de vendas da empresa (SANVICENTE, 1987).

É o resultado obtido da receita bruta menos o custo operacional total.

Margem líquida = receita bruta - custo operacional total.

A margem líquida da atividade for positiva, pode-se concluir que a atividade é estável, tem possibilidade de expansão e tem possibilidades de se manter por longo prazo;

A margem líquida for igual a zero, a propriedade estará no ponto de equilíbrio e em condições de refazer, a longo prazo, seu capital fixo.

Resultado (Lucro ou Prejuízo)

O resultado é a diferença entre as receitas e os custos, podendo ser total (para toda a produção) ou médio (por unidade de produto).

O lucro resulta da diferença entre a renda bruta e o custo total ($L=RB-CT$). Por sua vez, a renda bruta é igual à quantidade do produto vezes seu preço e o custo de produção é igual às quantidades dos fatores de produção vezes seus respectivos preços.

Rentabilidade

É o retorno do capital investido na atividade leiteira. É o retorno que se espera obter se o capital estivesse investido em outra atividade, como a caderneta de poupança.

Ponto de Equilíbrio

O ponto de equilíbrio é definido como o nível de atividades necessárias para recuperar todas as despesas e custos de uma empresa ou atividade com a finalidade de lucro, ou seja, seus custos totais devem ser iguais às suas receitas

totais. Nessa situação o lucro é nulo, e a partir desse nível de produção a atividade passa a dar lucro.

Através do ponto de equilíbrio contábil é possível determinar o nível de atividades necessárias para cobrir todas as despesas e custos, tanto fixos quanto variáveis, podendo facilitar a análise dos efeitos sobre a lucratividade decorrente de alterações nas despesas e custos fixos e variáveis, no volume de vendas, no preço de vendas.

2.15 INDICADORES DE DESEMPENHO ZOOTÉCNICOS

Quanto ao desempenho produtivo, os índices zootécnicos (IZ) traduzem a principal ferramenta de avaliação de desempenho, quanto ao desempenho produtivo. Eles refletem em forma numérica o desempenho dos diversos parâmetros da exploração pecuária (EL-MEMARI NETO, 2008).

Um importante referencial na avaliação dos índices zootécnicos que não adianta atingir excelentes índices, se não forem acompanhadas por excelentes resultados econômicos (AGUIAR, 2004).

Os principais índices zootécnicos para pecuária leiteira são:

a) Relação vaca/touro

Essa relação serve para verificar a desproporção ou excesso de matrizes ou touro.

$$\text{Relação de Vaca/touro} = \frac{\text{N}^{\circ} \text{ de matrizes no rebanho}}{\text{N}^{\circ} \text{ de touros no rebanho}}$$

Para ser considerado um bom índice, um touro para 30 ou 40 vacas, em monta natural a campo.

b) Taxa de lotação

Avalia o rendimento dos animais com relação à área.

$$\text{c) Taxa de lotação} = \frac{\text{N}^{\circ} \text{ de cabeças no pasto}}{\text{U.A / hectares}}$$

A taxa de lotação é a relação entre o número de unidades animais (UA) e a área ocupada pelos animais durante um período de tempo. A U. A. é 450 kg de peso vivo.

Segundo PEREIRA et al (2006) a taxa de lotação serve avaliar o rendimento dos animais com relação às áreas de pasto. Se há uma grande concentração de animais em uma área, pode acontecer de gerar uma baixa produtividade por falta de alimentação e doenças, e no caso inverso, têm-se terras ociosas. No sistema intensivo de produção, é necessário menos de um hectare para a criação de uma unidade animal, e no sistema extensivo são necessários cinco hectares. Esse indicador deve ser associado ao tempo que o animal demanda para alcançar o peso para abate.

Essa taxa auxilia na definição do manejo e no estabelecimento da demanda por alimentos, visando ao bom aproveitamento das pastagens por ruminantes.

d)Taxa de crescimento do rebanho

Avalia o crescimento do rebanho em determinado período, ou seja, o comportamento do patrimônio do pecuarista.

$$\text{Taxa de Crescimento do Rebanho} = \frac{\text{N}^{\circ} \text{ de cabeças no final do período}}{\text{N}^{\circ} \text{ de cabeças no início do período}}$$

e)Taxa de prenhez

É calculada, dividindo-se o número de fêmeas prenhez pelo número total de fêmeas adultas.

Essa taxa demonstra a porcentagem de fêmeas prenhez ao final de um ano, 75% de prenhez é o mínimo aceitável tecnicamente.

$$\text{Taxa de prenhez} = \frac{\text{N}^{\circ} \text{ de fêmeas prenas}}{\text{N}^{\circ} \text{ de fêmeas adultas}}$$

f) Taxa de natalidade

É a relação do número de bezerros nascidos vivo em relação ao número de vacas do rebanho.

$$\text{Taxa de natalidade} = \frac{\text{N}^{\circ} \text{ bezerros nascidos}}{\text{N}^{\circ} \text{ matrizes do rebanho}}$$

Essa taxa demonstra a relação dos animais nascidos como o número de fêmeas prenhas. A unidade de produção fazendo um bom manejo poderá obter boas taxas (média de 70% a 80%).

CAPÍTULO 3

ASPECTOS METODOLÓGICOS

A metodologia que caracterizou a pesquisa será descrita a seguir, obedecendo a seguinte ordem: caracterização da pesquisa; caracterização do local; procedimentos; e amostragem e coleta de dados.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Partindo da premissa de que a pesquisa parte de um problema, de uma interrogação e para proporcionar respostas aos problemas que são propostos é que a pesquisa é requerida e desenvolvida mediante utilização dos conhecimentos disponíveis, métodos, técnicas e outros procedimentos científicos, que vão desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados (GIL, 2008).

Assim optou-se primeiramente pela pesquisa bibliográfica passando pela leitura: exploratória, seletiva, interpretativa e analítica, o que passou a ser a fundamentação teórica deste trabalho.

Para fazer o levantamento socioeconômico da atividade leiteira do Assentamento Itamarati -1, quanto objetivo da pesquisa foi abordada as tipologias exploratória e descritiva.

A pesquisa exploratória tem como principal objetivo aprimoramento de idéias, ou seja, familiarizar com o problema (GIL, 2008). Esse tipo de pesquisa, segundo Gil (2008), envolve levantamento bibliográfico, documental e entrevista ou questionário envolvendo pessoas que tiveram alguma experiência com o problema.

A pesquisa descritiva tem por objetivo estudar as características de um grupo e a característica principal desta pesquisa está na utilização de técnicas

padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (GIL, 1991, p. 46).

3.2 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL

3.2.1 Fazenda Itamarati

A Fazenda Itamarati do empresário Olacyr de Moraes foi um símbolo nacional da agricultura moderna. Combinando tecnologia de ponta e técnicas inovadoras de administração. Nos anos 80, ficou conhecida como a maior plantação de soja do mundo. Na década de 90, registrou a segunda maior produção brasileira de algodão, recordista nacional na produção de milho. Outra característica marcante do empreendimento diz respeito ao uso de uma técnica inovadora para irrigação de grandes áreas e à preocupação com a pesquisa. A Fazenda Itamarati montou um dos primeiros laboratórios agrícolas do país. Os estudos científicos ali realizados resultaram na criação de mais de 100 variedades de soja, algumas entre as mais produtivas do mundo. A fazenda deixou de ser símbolo de modernidade para se transformar num símbolo de experiência social. Por decisão do governo, metade de sua área foi entregue a 1 300 famílias ligadas ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a três outras organizações de trabalhadores rurais (CEOLIN, 2001).

A propriedade possui acesso por estrada asfaltada, há três mil hectares irrigados por 27 pivôs centrais, uma subestação de energia elétrica e 56 edificações para o armazenamento de até dois milhões de sacas de cereais. “Cada família terá um lote individual e irá se beneficiar de uma área de produção coletiva (ATTUCH, 2001)

3.2.2 Origem do assentamento Itamarati 1

Segundo o P. D. A (2002) o assentamento Itamarati localizada no município de Ponta Porã a 22° 32' de latitude Sul e 55° 43' de longitude Oeste, fazendo limite com os seguintes municípios: Maracaju ao Norte, Dourados a Nordeste e a Leste, Laguna Carapã a Sudeste, Aral Moreira ao Sul, República do Paraguai a Sudoeste, Antonio João e Bela Vista a Oeste e Jardim e Guia Lopes da Laguna a Nordeste e

pertence à microrregião de Dourados e à mesorregião do Sudoeste de Mato Grosso do Sul e está inserido na sub-bacia do Rio Ivinhema, Bacia do Rio Paraná.

A extensão territorial é de 5.359,3 km e sua altitude média é de 656 metros ao nível médio do mar. A distância da sede municipal a capital do Estado é de 328 km. O projeto de assentamento Itamarati esta 45 km da sede municipal.

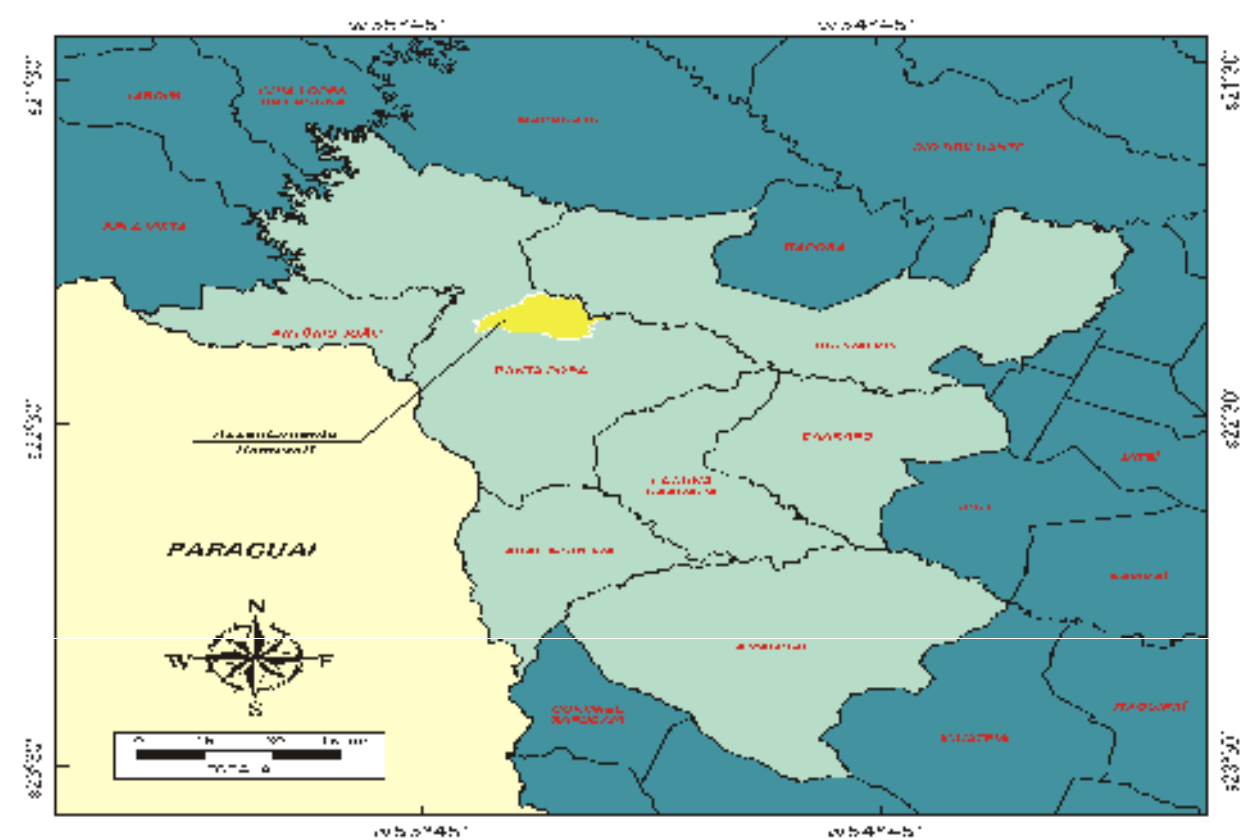


Figura 1- localização Geográfica do Assentamento Itamarati

Fonte: CPAO/EMPRAPA/2002

O Imóvel, objeto do projeto de Assentamento Itamarati, foi adquirido pelo INCRA de Tajhyre S/A Agropecuária em dezembro de 2.000 e incorporado como patrimônio do INCRA em maio de 2.001. Está cadastrado no INCRA sob o n^o 913.154.011.606 –7.

O Assentamento Itamarati e composto pelos seguintes Movimentos Sociais: MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), FETAGRI (Federação dos Trabalhadores na Agricultura), CUT (Central Única dos Trabalhadores) e AMFFI (Associação dos Moradores e Funcionários da Fazenda Itamarati).

O assentamento Itamarati - 1 tem uma área de 25.000 hectares e uma estrutura de 68 pivot centrais que irriga uma média de 115 hectares cada.

A tabela -1 mostra como ficou a divisão das terras pelos grupos sociais. Observa-se que a FETAGRI ficou com maior número de famílias assentadas de pastagem plantadas 2.835 hectares; o MST assentou 320 famílias e 1.520 hectares de pastagens plantadas; CUT assentou 280 famílias e 1678 hectares de pastagens plantadas.

A visualização da figura 2 mostra a divisão da terra pelos grupos sociais.

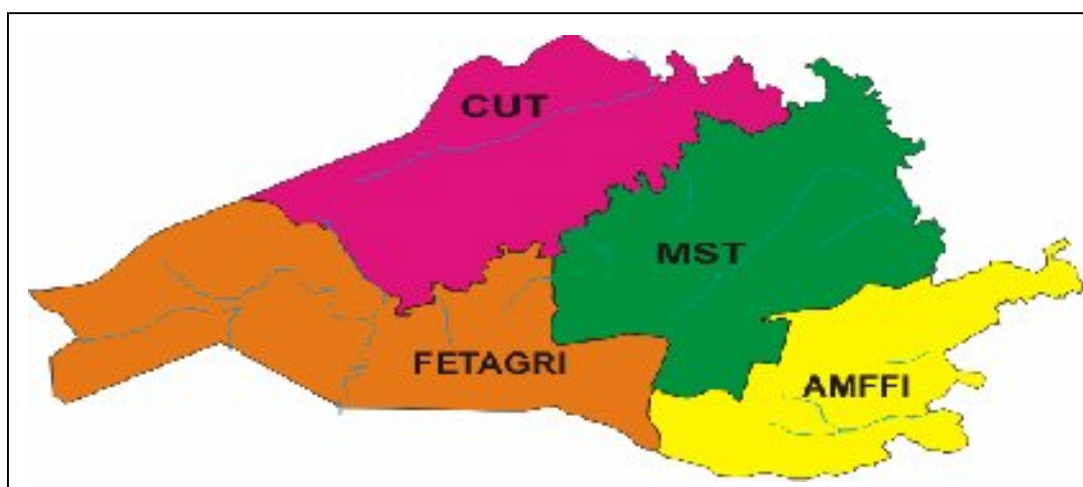


Figura 2 – Distribuição dos lotes aos Movimentos Sociais.

FONTE: Incra/Seprod/Idaterra (2002) *apud* Terra (2006)

Tabela 1 – Distribuição da área e ocupação da terra por grupo social

Grupo Social	Nº de Famílias	Área Total aproximada (ha)	Ocupação da Área (ha)				
			Irigada	Sequeir	Reserva	Reserva permanente	Pastagem Plantada
CUT	280	6.287	1.835	1.400	1.184	190	1.678
MST	320	6.571	1.964	1.402	1.398	287	1.520
FETAGRI	395	7.727	1.751	2.206	716	219	2.835
AMFFI	150	4.487	1.682	1.560	1.023	222	-
TOTAL	1.145	25.072	7.232	6.568	4.321	918	6.033

Fonte: adaptado Incra/Seprod/Idaterra (2002)

A tabela - 2 mostra a organização social para produção dos grupos sociais: CUT, MST, FETAGRI E AMFI. Observa-se que a pecuária é explorada individualmente pela FETAGRI, enquanto que os grupos restantes exploram coletivamente e a segurança alimentar é explorada individualmente que é agricultura de subsistência para garantir a permanência do assentado no meio rural, como fator da segurança alimentar da família em anos de prejuízos nas atividades agrícolas econômicas.

Tabela 2 – Organização Social para a produção

Grupo Social	Área de Exploração			
	Segurança Alimentar	Irrigada	Sequeiro	Pecuária
CUT	Individual	Coletiva	Coletiva	Coletiva
MST	Individual	Coletiva	Coletiva	Coletiva
FETAGRI	Individual	Coletiva	Individual	Individual
AMFFI	Individual	Coletiva	Coletiva	

Fonte: Incra/Seprod/Idaterra (2002)

3.2.3 – Movimentos Sociais

Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)

A origem do MST no Mato Grosso do Sul começa no início dos anos de 1980 e, de certo modo, já imbricado com os Estados do Sul, juntamente com São Paulo na região Sudeste. A territorialização do MST, é diferenciada de outros movimentos e organizações e se revela basicamente na ocupação, despejo e acampamento e o passo seguinte é organizá-los em grupo, visando à criação de um espaço de diálogo a fim de prepará-los para as ações de ocupação (ALMEIDA, 2003).

O conjunto de valores dos representantes da MST: participação na resolução dos problemas de interesse do Estado; estabelecimento de parcerias para superar dificuldades do modelo econômico; reivindicar do poder público o atendimento das necessidades; inserção na comunidade local para romper as

barreiras e preconceitos contra os Sem terra; incentivo ao apoio da sociedade para a reforma agrária; realização de campanhas de doação de produtos para as comunidades carentes e entidades filantrópicas evidenciando o espírito solidário do movimento, sua capacidade de produção e articulação política; comprovação de que investimento aplicado no assentamento oferece retorno; participação da resolução de problemas da comunidade através de parcerias estratégicas com órgãos e entidades representativos da sociedade (BONES, 2006).

Bonés(2006) colocou a visão de futuro dos representantes da MST, para atingir por todos os membros do grupo, para o sucesso do P.D.A. que é tornar-se um Município bem estruturado com infra-estrutura básica (agroindústrias, escola, hospital, creches, bancos, correio, áreas de lazer, etc.), onde as famílias desfrutarão de boas condições econômicas num lugar agradável para viver.

Central Única dos Trabalhadores (CUT)

A fundação da Central Única dos Trabalhadores no Mato Grosso do Sul (CUT-MS), bem como do Departamento Estadual dos Trabalhadores Rurais (DETR) é fruto de um processo de organização que tem início nos anos de 1980 (ALMEIDA, 2003).

O Conjunto de Valores dos representantes da CUT: Posse de uma economia de grande sucesso, em conjunto com o Estado, através dos movimentos sociais e com a comunidade; manutenção de convênios com entidades que contribuam para o desenvolvimento do projeto; postura atuante, digna, honesta, participativa perante a sociedade como um todo, levando ao mundo a forma de organização de um assentamento coletivo (BONES,2006).

A Visão de Futuro dos representantes da CUT no P.D.A.é tornar-se um município auto-suficiente, formado por cooperativas e associações mantidas por pequenos agricultores agro-industriais, incluindo em sua infra-estrutura, laticínios, abatedouro de frangos, escola agrícola, hospital, universidade e estradas asfaltadas e uma área de reserva ambiental protegida pelo sistema para visitante turístico (BONES, 2006).

Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Mato Grosso do Sul (FETAGRI –MS)

A história do sindicalismo rural representado pela FETAGRI tem início conjunto com a instalação do Governo de Mato Grosso do Sul, em 01/01/1979, já que neste período ela possuía, no território do novo Estado, dez Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STRs), a maioria concentrados na região da Grande Dourados, Assim, com a divisão do Estado, ocorre a fundação da FETAGRI/MS, em 13/02/1979, cujo reconhecimento por parte do Ministério do Trabalho acontece neste mesmo ano (CPT, 1993). A territorialização da FETAGRI/MS, no tocante à Reforma Agrária, diferencia do MST, por que ocorre de forma pacífica, preferem a negociação do que o conflito (ALMEIDA, 2003).

Os conjuntos de valores da FETAGRI são: Desenvolvimento com responsabilidade; Geração de renda compatível para sua autonomia na produção futura organizada, Inclusão na política pública e social; Zelo pelo sucesso do projeto, para criar e divulgar sua imagem com o objetivo de fortalecer o processo de reforma agrária; Estabelecimento de intercâmbios e parcerias que contemplem as áreas comercial, social, cultural, educacional e religiosa com o objetivo de estabelecer mecanismos de trocas (institucionais, tecnológicas, de experiências e outras) com a sociedade para potencializar o desenvolvimento do assentamento e a busca de uma sociedade mais justa e solidária. coletivo (BONES,2006).

A Visão de Futuro dos representantes da FETAGRI no P.D.A Tornar-se um núcleo cooperado com toda infra-estrutura necessária. Os agricultores industrializarão e comercializarão seus produtos através do uso de instrumentos cooperativos que proporcionarão a auto-suficiência financeira e de gestão, priorizando a utilização de capitais nacionais no financiamento das atividades coletivo (BONES, 2006).

Associação dos Moradores dos Funcionários da Fazenda Itamarati (AMFFI)

O Conjunto de Valores dos representantes da AMFFI: Estabelecer relações democráticas e igualitárias com o Governo, Lutar por uma sociedade mais justa que, na medida do possível, tenha suas reivindicações atendidas; Focar o cumprimento do seu papel, demonstrando à sociedade que é capaz de Produzir, gerar renda,

desenvolvimento e riqueza para benefício de toda comunidade coletivo (BONES,2006).

A Visão de Futuro dos representantes da AMFFI: Uma comunidade rica que tem à sua disposição estruturas de lazer, educação, saúde, transporte, comunicação, energia, saneamento básico e segurança coletivo (BONES, 2006).

3.2.4 A produção do leite no assentamento Itamarati - 1

Segundo estudos feitos pelo Instituto de Desenvolvimento Agrário, Assistência Técnica e Extensão Rural de MS (IDATERRA), atualmente AGRAER no Município de Ponta Porã quanto à pecuária de leite, não é uma atividade considerada relevante, uma vez que as atividades principais são agricultura de grãos e pecuária de corte.

No Assentamento Itamarati, o sistema de criação de gado de leite é praticado pelos próprios parceiros do Projeto de Assentamento.

Profissionais do INCRA, UFMS (Fundação Cândido Rondon) e IDATERRA, em particular da equipe técnica multidisciplinar que elaborou Projeto de Produção de Assentamento sobre a atividade leiteira, verificou que a maioria dos assentados pretendia desenvolver a pecuária (pecuária de leite, suinocultura e avicultura).

No P.D.A (2002) são descritos algumas características por atividade:

a) Pecuária leiteira

A pecuária Leiteira no assentamento tem o objetivo de abastecimento de leite e seus derivados e carne a família de parceiros, e ainda a venda de excedentes de produção quando possível.

A área destinada à produção de leite estimada será de 2,50 ha distribuídos entre pastagem cultivada (2,00 ha) e capineira (0,50 ha), suficientes para a criação de duas (02) vacas, um (01) boi e dois (02) bezerro/as de 01 a 0 2 anos.

Para efeito de cálculos a produção de leite por vaca foi de aproximadamente 05 litros ao dia. Isso significa que enquanto um animal estará produzindo à outra estará seca ou em período de prenhez.

b) Integração agricultura-pecuária

A integração agricultura-pecuária visa aumentar o volume, o valor e a diversificação da produção de grãos, tubérculos, fibras e palhas, integradas a produção de carne e/ou leite que no sistema integrado também passam a ter sua produção aumentada.

Os parceiros do grupo da Pecuária da FETAGRI, ou os grupos coletivos que optaram pela pecuária nas áreas de sequeiro têm a possibilidade de estabelecer uma evolução gradativa ou de transição entre a agricultura e pecuária.

Tabela 3 – Integração Agricultura-Pecuária - FETAGRI

(77 Produtores) - Área por família: 23 ha

CULTURAS	ÁREA EM HECTARE				
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Bov. Leite	10	10	11	12	13
Lavoura	10	10	9	8	7
Total (Ha)	20	20	20	20	20
RENDAS EM R\$					
1) Renda/mês leite	280,00	365,00	395,00	500,00	600,00
2) Renda/mês lavoura	600,00	600,00	540,00	480,00	420,00
Total Renda /mês	880,00	965,00	935,00	980,00	1.020,00

Fonte: (P.D.A 2002)

Tabela 4- Integração Agricultura-Pecuária - FETAGRI

(25 Produtores) – Área por família: 17 -18 ha

CULTURAS	AREA EM HECTARE				
	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano
Bov. Leite	10	10	11	12	13
Lavoura	5	5	4	3	2
Total (Ha)	15	15	15	15	15
RENDAS EM R\$					
Renda/mês leite	280,00	365,00	395,00	500,00	600,00
Renda/mês lavoura	300,00	300,00	240,00	180,00	120,00
Total Renda/mês	580,00	665,00	635,00	680,00	720,00

02 -03 ha serão utilizados no cultivo de agricultura de subsistência

Fonte: P.D.A (2002)

Foram apresentadas duas propostas de evolução agricultura pecuária numa simulação de 05 anos, uma para o Grupo Pecuária cujos parceiros possuem em média 23 ha (tabela 3) e outra para o Grupo Pecuária cujos parceiros possuem 17-18 ha (tabela 4). Nota-se que existe uma evolução da renda média mês durante a evolução o que justifica a substituição das áreas de plantio de grãos para a pecuária leiteira.

c) Carteira comercial pecuária

No P.D.A foi feita uma análise potencial da atividade a curto, médio e longo prazo, levando em conta os fatores edafo-climáticos da região, investimento necessário para implantação e custeio, capacidade de atendimento da assistência técnica e rentabilidade, grau de tecnologia a ser utilizada, rentabilidade, potencial de verticalização e mercado.

d) Beneficiamento do leite

O resfriamento do leite deve ser difundido nos últimos anos na própria propriedade rural, permitindo a realização de uma segunda ordenha, com o conseqüente aumento do volume produzido, permitindo a redução de frete.

e) Tecnologia

Produção semi-intensiva, com manejo de rotação nos piquetes, divididos com cerca elétrica, sendo o período de pastejo de acordo com a disponibilidade de forragem em cada um. A ordenha deverá ser manual. Quanto a reprodução será mais efetivo com uso da inseminação artificial, a fim de melhorar a qualidade do rebanho, que deve ser constituído de animais mestiços europeu/zebu. Utilização de resfriadores, colocados de forma estratégica e com capacidade de armazenagem de até 03 dias de produção. Devem ser feitas 02 ordenhas quando a produção for maior que 8 litros/dia por animal.

Os quadros 1 e 2 mostram a estimativa da evolução do número de cabeças a curto, médio e longo prazo da bovinocultura de leite por organização social.

OBSERVAÇÃO: **S.I. = Sequeiro Individual**
 S.C. = Sequeiro Coletivo
 C.I. = Coletivo Irrigado

Quadro 1 - Evolução do número de cabeças a curto, médio e longo –

MOVIMENTO SOCIAL – CUT

Local	Grupo	Número	Área	Número	Prazo Investimento			Produção
		Famílias	(Há)	Cabeças	Curto	Médio	Longo	(Litros/dia)
SI	Pedro Gomes	20	120	120			X	735
SC	Caarapó	20	60	60	X			368
SC	Paranhos	20	40	40	X			245
SC	Eldorado I	20	120	120		X		735
SC	Eldorado II	20	120	120		X		735
SC	Amambai	20	100	100	X			613
SC	Deodápolis	20	140	140	X			858
SC	N. Sra. Aparecida	20	20	20		X		123
SC	Pantanal	20	100	100		X		613
SC	Segredo	20	40	40	X			245
SC	Segredo		100	100		X		613
SC	Renascer	20	40	40	X			245
SC	Renascer		80	80		X		490
SC	Alvorada Brilhante	20	60	50	X			306
SC	Tacuru	20	60	60	X			368
SI	Tacuru		120	120				735
TOTAL		260	1.320	1.310				8.024
Prod. Curto Prazo (Litros/dia)					3.246			
Prod. Médio Prazo (Litros/dia)						3.308		
Prod. Longo Prazo (Litros/dia)							1.470	

Fonte: P.D.A (2002)

Destaca-se no quadro 1 a produção prevista a curto prazo (litros/dia) é de 3.246 litros e longo prazo é de 14.70 (litros/dia).

Quadro 2 - Evolução do número de cabeças a curto, médio e longo

MOVIMENTO SOCIAL - FETAGRI

Local	Grupo	Número	Área	Número	Prazo Investimento			Produção
		Famílias	(Ha)	Cabeças	Curto	Médio	Longo	(Litros/dia)
SI	Pivô T02	11	22	22	X			135
CI	Pivô T04	12	117	156			X	956
SI	Pivô T05	4	8	8		X		49
SI	Pivô M03	12	24	24		X		147
SI	Pivô M06	8	16	16	X			98
SI	Pec. 01 - Campo Verde	5	30	30	X			184
SI	Pecuária 02 – G03	11	77	77	X			472
SI	Pecuária 02 – G04	11	77	77	X			472
SI	Pecuária 02 – G05	10	30	30	X			184
SI	Pecuária 02 – G05		70	70		X		429
SI	Pec. 02 - Marioti	32	64	64	X			392
SI	Pec. 02 - Marioti		96	96		X		588
SI	Pec. 02 - Marioti		224	224			X	1372
SI	Pec. 02 - Sto. Antonio	13	91	91	X			557
SI	Seq. - Trav. das Torres	1	6	6		X		37
SI	Seq. - Erva Mate	7	42	42			X	257
SI	Sequeiro – Cândido	8	36	36	X			221
SI	Sequeiro - Cândido	6	48	48		X		294
SI	Para-rurais - Indaiá	11	26	33	X			202
SI	Para-rurais - N. Sra. Aparec.	13	39	39	X			239
SI	Para-rurais - Itaum 1	2	12	12	X			74
SI	Para-rurais - Itaum 2	5	10	10	X			61
SI	Para-rurais - Novo Horiz.	13	39	39	X			239
SI	Para-rurais - Flor da Terra	12	36	36	X			221
TOTAL		207	1.240	1.286				7.880
Produção de leite a curto prazo (Litros/dia)					3.751			
Produção de leite a médio prazo (Litros/dia)						1.544		
Produção de leite a longo prazo (Litros/dia)							2.585	

Fonte: P.D.A (2002)

Na FETAGRI, a previsão da produção do leite a curto prazo (litros/dia) é de 3.751, e a longo prazo é de 2.585 (quadro 2).

3.3 PROCEDIMENTOS

Quanto ao procedimento de pesquisa desenvolveu-se a tipologia quantitativa e qualitativa na aplicação de questionários de características de perguntas abertas e fechadas.

A pesquisa quantitativa procura quantificar os dados e aplicar alguma forma de análise estatística e a qualitativa tem como objetivo principal interpretar o fenômeno que se observa.

O questionário foi elaborado e aplicado de forma a abordar o conhecimento da atividade leiteira de forma sistêmica, considerando as características do produtor: idade, escolaridade, tempo no assentamento, origem das famílias, participação em associação, conhecimento da atividade, renda familiar; a infraestrutura da sua propriedade; tecnologia adotada para a produção do leite, acesso à assistência técnica; destino do leite; capacitação; análise dos dados econômicos, nível de satisfação quanto ao assentamento para avaliar a lucratividade e a rentabilidade das atividades. Através das informações podem-se identificar as potencialidades e as limitações da atividade leiteira.

As informações foram obtidas por técnicas quantitativas da atividade leiteira usando entrevistas diretas com os assentados.

O estudo ficou focalizado na Central Única dos Trabalhadores (CUT); a Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAGRI) onde foi contemplada a bacia leiteira segundo P.D.A.(2002), (Tabela 5).

A AMFFI e o MST constavam inicialmente na pesquisa, porém verificou-se que a AMFFI não se aplicam a atividade leiteira, produzindo somente para o seu consumo. O MST o grupo preferiu o cultivo da agricultura com o plantio de soja, milho, trigo, girassol e horta comunitária e um grupo com 20 famílias optou para rebanho leiteiro que é explorado de forma coletiva, dividindo em partes iguais os lucros. Outra dificuldade encontrada e a má conservação das estradas.

Tabela 5 – Seleção da amostragem da atividade leiteira

Movimentos	Famílias	Grupos	Área (ha)
CUT	80	3	17,5
FETAGRI	153	3	23
			17
			13

Área : nº de hectare que cada família possui

3.4 AMOSTRAGEM E COLETA DE DADOS

Para dimensionar o tamanho da amostragem, considerando que o tamanho da população do assentamento da FETAGRI é de 393 famílias, dividido em 4 áreas: coletivo irrigado, sequeiro individual, para rurais e a pecuária sequeiro. A área de pecuária sequeiro é o que foi contemplado com a bacia leiteira são os lotes de 23 ha com 93 famílias e os lote de 17 ha com 55 famílias, alguns grupos trabalham com a atividade. A CUT, com os seguintes grupos: Deodapólis, Amambaí e Caarápo, são os que mais se aplicam a atividade leiteira do restante do grupo.

Para atingir o nível de confiança de 90%, amostragem foi de 10% desses lotes de 23 ha, 17ha e 17,5 ha.

O método de coleta das informações optou-se pelos produtores próximos aos resfriadores, aplicados por amostragem conforme a distribuição dos lotes aos movimentos sociais que praticam a atividade leiteira (Tabela 6).

A pesquisa ocorreu no período de julho 2008 a abril de 2009.

Tabela 6 - Número de produtores avaliados na pesquisa

	FETAGRI			CUT
	23	17	13	17,5 ha
Produtores avaliados	10	3	2	18

Para a caracterização dos produtores de leite, o parâmetro utilizado dos produtores foi definido a partir da produção diária do leite entregue aos laticínios que é de 6 litros diários.

Os critérios utilizados para definir as potencialidades e limitações da atividade leiteira frente às oportunidades de mercado e as possibilidades que

maximizem eficiência dos fatores econômicos e a sustentabilidade da atividade, foi identificar os possíveis entraves ao seu desenvolvimento e falhas, desde a caracterização dos produtores, nível de conhecimento, infra-estrutura, produção, viabilidade econômica e zootécnica da atividade.

As respostas foram condensadas e apresentadas em forma de tabelas, gráficos e percentuais, quanto possíveis.

Os resultados provenientes de pesquisas amostrais obtêm-se estimativas de médias e porcentagens.

CAPITULO 4

DIAGNÓSTICO SOCIOECONÓMICO DOS PRODUTORES DE LEITE DO ASSENTAMENTO ITAMARATI - 1

Neste capítulo, encontram-se a análise e a discussão dos resultados apurados a partir dos questionários dirigidos, considerando a identificação do diagnóstico socioeconômico da atividade leiteira. Quanto à análise dos dados, foi utilizada a abordagem quantitativa e qualitativa a interpretação, a análise dos dados e de conteúdo, considerando o referencial teórico utilizado.

Serão apresentados os resultados referentes às famílias, com relação às condições sociais, econômicas nos quais incluem origem do assentado, escolaridade, conhecimento da atividade rural, caracterização da propriedade, disponibilidade de recursos, adoção de tecnologias, cuidado com o leite, produção e rentabilidade para análise das potencialidades e limitações da atividade leiteira.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTOR DA ATIVIDADE LEITEIRA DO ASSENTAMENTO ITAMARATI - 1

Os resultados apresentados refletem o perfil do produtor da atividade leiteira, para identificar o seu conhecimento na atividade leiteira e assimilar novas inovações.

4.1.1 Idade do Produtor

Constatou-se que a idade média dos produtores de leite do Assentamento Itamarati - 1 o Movimento Social FETAGRI com lote de 23 hectares é de aproximadamente 53 anos. Para produtores com lotes de 17 hectares e 13 hectares

a média de idade foi 40 a 60 anos. Ao passo que na CUT a média foi de 50 anos (Tabela 7).

Tal fato indica que aqueles produtores com idade inferior a 45 anos (lotes com 13 e 18 ha) podem apresentar maior força de trabalho.

Além disso, segundo Silva da Costa (2006) as faixas etárias mais avançadas têm dificuldade em assimilar novos conhecimentos.

Tabela 7 - Média de idade do produtor em função do tamanho do lote, por movimento

	FETAGRI			CUT
	23	17	13	17,5
Idade (anos)	53,20	61,50	43,50	50

4.1.2 Escolaridade

Quanto ao nível de escolaridade, observou-se que na FETAGRI: 79% dos titulares apresentavam ensino fundamental incompleto, 7% analfabeto, 7% ensino Fundamental Completo, e 7% Ensino Médio. A CUT apresentou 82% ensino fundamental incompleto, 7% ensino fundamental completo, 7% analfabeto, 7% ensino superior.

Destaca-se que há uma minoria ínfima de titulares com algum estudo (ensino médio e superior). Isto provavelmente evidencia a falta de preparo para a atividade produtiva, pois impossibilitaria um melhor aproveitamento em cursos e treinamentos (gráfico 1).

No assentamento Itamarati possui 3 escolas com ensino fundamental, médio e a Educação de Jovens e Adultos onde os adultos podem freqüentar.

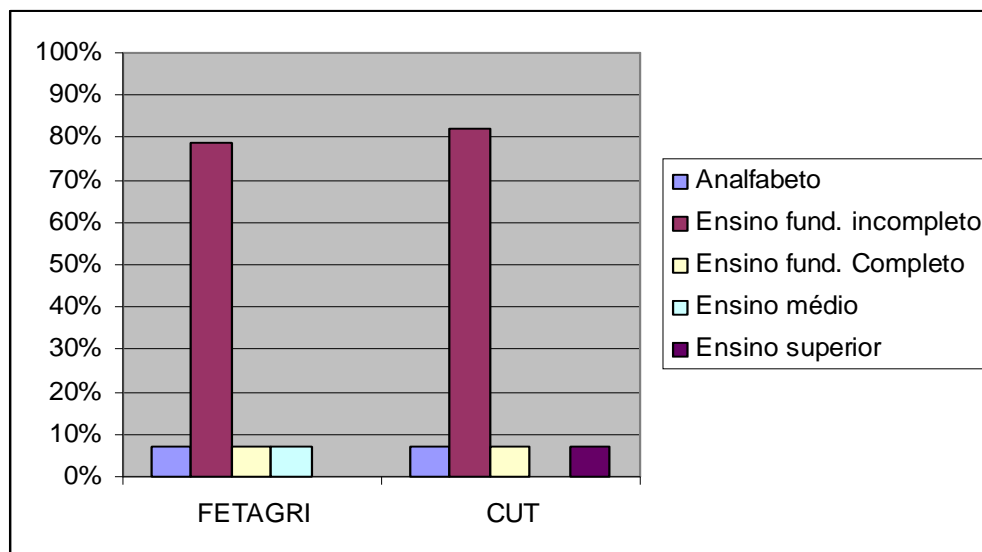


Gráfico 1 - Nível de escolaridade dos titulares dos lotes

4.1.3 Tempo no assentamento

A média no assentamento foi de 6 anos tanto na FETAGRI quanto na CUT, isso prova que fazem parte desde o início do assentamento (tabela 8), pois o projeto de assentamento foi iniciado em 2002.

Destaca-se para o grupo com 17 hectares tem período maior devido ao tempo de acampamento que foi considerado.

Tabela 08 – Média de tempo em anos no Assentamento Itamarati - 1

	FETAGRI			CUT
	23	17	13	17,5
Média	6	6,5	6	5,7

4.1.4 Territorialidade (parte do local e dono do lugar)

Quando questionados se sentiam-se parte do local, observando a gráfico 2, 100% dos agricultores da FETAGRI e da CUT responderam que fazem parte do local.

Indagados sobre sentir-se dono do lugar, da terra, 90% da FETAGRI responderam que sim e 10% não, pois não terminou de pagar a terra. A CUT todos sentem-se dono do lugar (gráfico 2).

Foram questionados sobre que tipo de interações eles tem com os outros assentados. A maioria respondeu que a Igreja é o principal motivo, depois as festas .

Segundo Carlos (1996) o lugar é a base da reprodução da vida, onde é analisado pelo habitante-identidade-lugar, ou seja o lugar é o espaço vivido com o qual se estabelece laços efetivos.

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida, sendo apropriada através do corpo, dos sentidos, dos passos de seus moradores, ou seja lugar vivido, conhecido e reconhecido em todos os cantos, pode ser a igreja, o bairro, o cotidiano do dia a dia (CARLOS, 2007).

Isso confirma que a partir da ocupação do lugar cria-se laços afetivos com o local e com pessoas que, na mesma condição formam uma relação social.

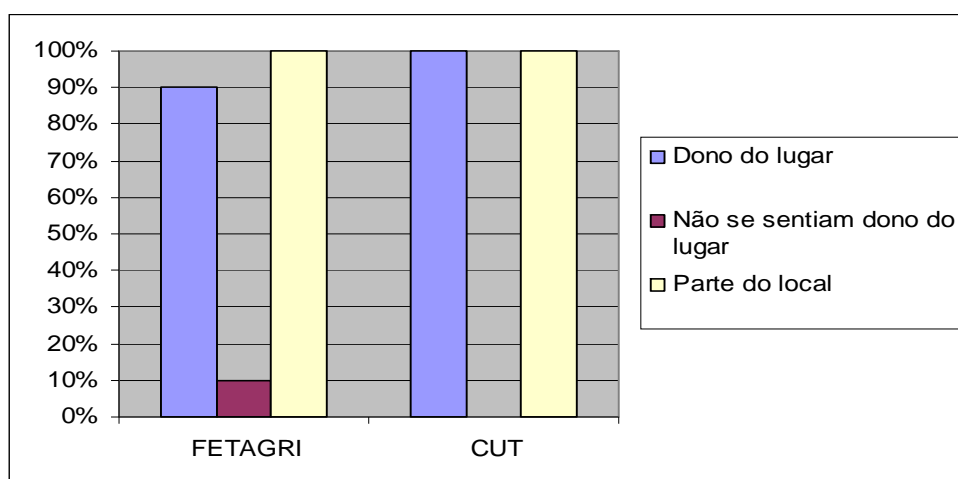


Gráfico 2 – Parte do local e dono do lugar

4.1.5 – Origem das Famílias do Assentamento Itamarati - 1

O gráfico 3 mostra a procedência das famílias. Observa-se que dos 15 entrevistados da FETAGRI, 33% são de origem do Paraná, 7% da Bahia, 60% do Mato Grosso do Sul. E importante ressaltar que somente 6 são de Ponta Porã. A CUT, 83% do Mato Grosso do Sul, 6%o Rio Grande do Sul, 11%, São Paulo.

Destaca-se que apenas 4 produtores são do Estado do Paraná, oriundos de regiões com bacias leiteiras. Tal fato indica que estes produtores não teria como apresentar experiências prévias na atividade leiteira.

Damasceno et al.,(2008)argumentou que não é a falta de informação a razão de insucessos de alguns sistemas, uma vez que há vasto banco de dados sobre os

diferentes processos ligados à produção de leite. E afirmou que devem buscar razões mais sólidas que expliquem os problemas que afligem a maioria das unidades de produção de leite do Pará e Brasil: produzir leite de qualidade e tornar a atividade leiteira competitiva frente a outras opções de negócio e trabalho.

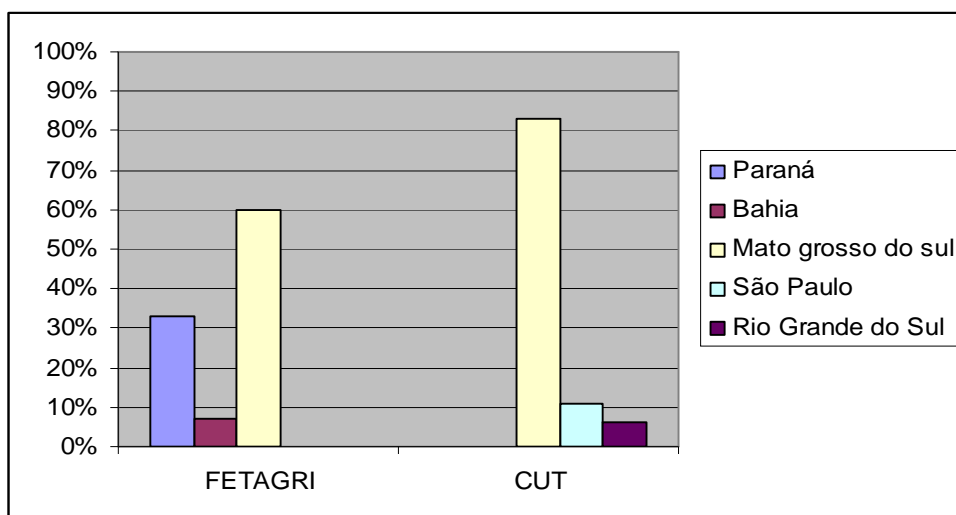


Gráfico 3 - Local de origem das famílias residentes do Assentamento Itamarati - 1

4.1.6 – Participação em associação

No que se refere ao associativismo, a maioria dos produtores da FETAGRI não faziam parte de nenhuma associação 60% e 40% pertenciam a uma associação existente no assentamento como: CRESCER e APRARSAI. Na CUT, 39% dos entrevistados pertenciam a uma associação: AGRIFAMA e CONFERPAR, conforme mostra o gráfico 4.

Quando foram questionados informalmente sobre a não participação de uma associação, a maioria respondeu que não atendem as suas necessidades, pagam caro e não tem retorno..

Uma dos proprietários do lote confidenciou que gostaria de abrir uma cooperativa, para produção de iogurte, necessitava somente da participação de 10 mulheres. Não conseguiu a adesão para o referido projeto, isso demonstra a falta de confiança e reciprocidade entre eles.

Para Frantz (2002), o associativismo é plenamente concretizado através da cooperação instrumentalizada e organizada.

A cooperação é trabalhar mutuamente, é tentar conseguir, com a ajuda de outros. Uma das formas de cooperação é a formação de uma associação ou cooperativa.

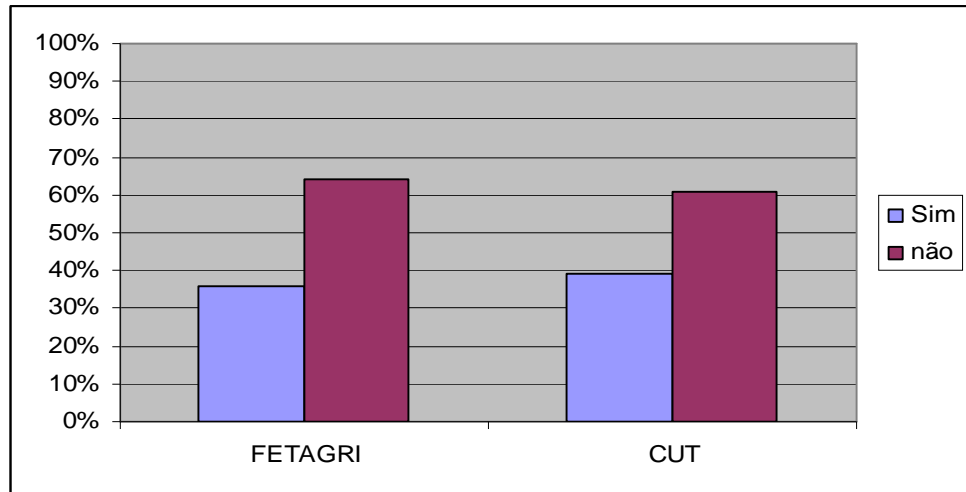


Gráfico 4 - Participação em Associação

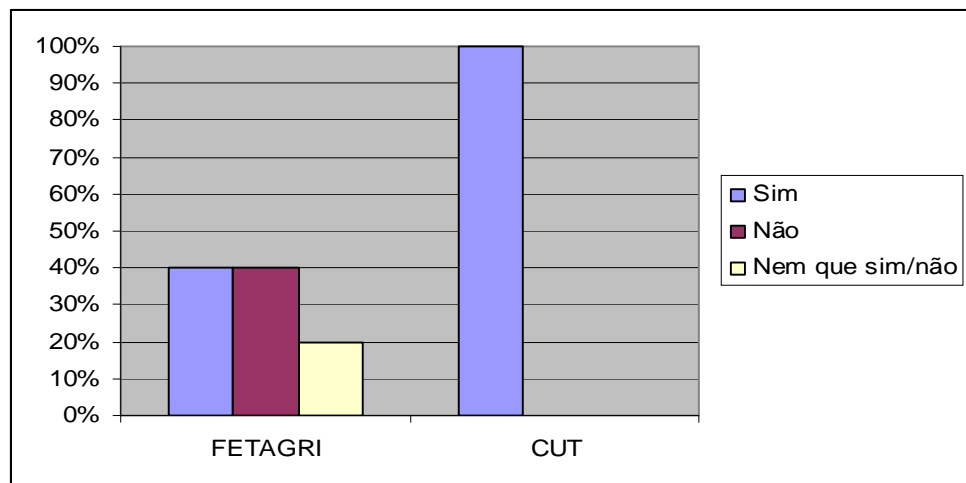


Gráfico 5 - Satisfação dos assentados em relação a associação

O capital social diz respeito às características da organização social, ou ao tecido social de uma localidade ou região, algo como a presença de normas e valores que facilitem a coordenação e cooperação entre indivíduos, empresas instituições e governos.

Os resultados mostram em relação à satisfação dos que pertencem à associação FETAGRI 40% responderam que sim, enquanto que 40% não e 10% ficaram na dúvida. Por outro lado da CUT, os que pertenciam a uma associação todos estavam satisfeitos (Gráfico 5).

Os que estão satisfeitos com a associação evidencia que suas expectativas e necessidades são correspondidas pelas lideranças.

Wolfe (2002) *apud* Pereira (2007) a existência de capital social depende da habilidade dos indivíduos de associarem-se e cooperam-se aos interesses da comunidade, compartilhando normas e valores, permitindo a subordinação dos interesses individuais e ampliando os interesses da comunidade.

4.1.7 – Conhecimento na atividade rural

Para verificar se tinham conhecimento na área rural, observou-se que na FETAGRI, 53% sempre exerceram a atividade agrícola, 20% pecuária, 20% na agricultura /pecuária e 7% tratorista,. A maioria exercia a atividade como trabalhador rural. Na CUT, 60% na agricultura, 11% na agricultura/pecuária, 11% na pecuária, 6% pedreiro, 6% operador de máquinas e 6% atividade rural (Gráfico 6).

Observa-se que 40% dos assentados do lote 23 ha, onde é praticada a atividade leiteira, exerciam a atividade pecuária.

Ser trabalhador rural é um dos itens que se enquadra para ser um assentado segundo INCRA. Todavia, tal item não garante que este trabalhador consiga administrar seu lote ou uma atividade produtiva.

O Conhecimento na atividade é experiência prévia são determinantes para o sucesso do empreendimento, o que se percebe é que a maioria tem conhecimento na atividade agrícola.

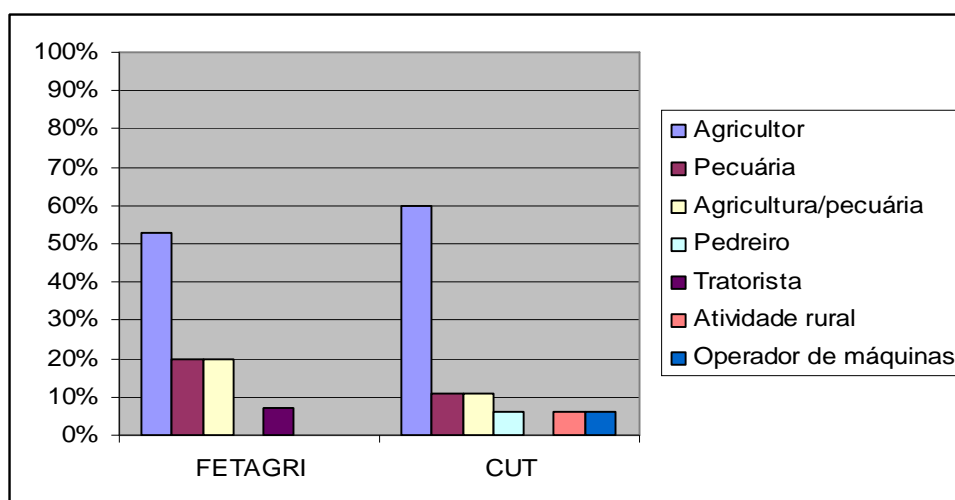


Gráfico 6 – Atividade que exerciam anteriormente

Estes resultados indicam que a prática de distribuição de terra pelo governo, pelo INCRA é falha, uma vez que não verifica a capacidade produtiva e o conhecimento para administração de uma propriedade rural.

As atividades agrícolas familiares, apesar de possuir conhecimento tácito, percebem-se uma grande carência de suporte gerencial. Lima & Toledo (2003) *apud* Lourenzani (2006), destacara a falta de informações precisas sobre necessidades dos clientes, padrões de qualidade dos produtos e legislação em vigor ocorrem na grande maioria dos agricultores familiares.

Para gestão do sistema de produção de leite, o produtor precisa mobilizar informações de diferentes fontes e utilizar ferramentas para definir ações de longo, médio e curto prazos (estratégia, tática e operacional, respectivamente). O maior enfoque seria operacional, sendo que a estratégia e tática são pensadas de forma empírica, seguido de uma tradição familiar para projetar o futuro e reagir às adversidades ou oportunidades (econômicas, climáticas e sociais) (DAMASCENO et al. , 2008).

4.1.8 Renda Familiar

Considerando que no período em que foram assentados o salário mínimo era de R\$ 260,00 (duzentos e sessenta reais), percebe-se conforme a tabela 9 que a renda mensal de oito assentados da FETAGRI, estava acima do salário mínimo e no lote da CUT os assentados estavam acima de 2 salários mínimos.

No entanto, percebe-se uma evolução da renda familiar.

A previsão para os lotes de 23 ha e 17 e 18 ha da FETAGRI (tabela 3) e renda atual (tabela 9), não alcançou o esperado que era de R\$ 600,00 apenas 50% dos assentados estão na média de R\$ 500,00 a R\$ 700,00.

E Houve uma super-estimativa da renda prevista no P.D.A 2002, substituindo áreas de plantio de grãos para a pecuária leiteira.

Segundo P.D.A (2002) para que houvesse um bom início da integração agricultura-pecuária era necessário fazer o planejamento de todas as atividades, com base no conhecimento detalhado de todas as condições técnicas da área a ser implantada a integração, desde a fertilidade do solo à capacidade gerencial dos proprietários.

Destaca-se que atualmente apenas 1 produtor (tabela 9) tem renda superior a R\$ 1.200,00. Tal fato comprova as suposições anteriores sobre a incapacidade administrativa que refletiu na produtividade e rentabilidade da área. Percebe-se quanto maior a área menor a renda. Enquanto que na CUT a maioria não ultrapassa o salário mínimo atual.

Tabela 9 - Renda mensal dos assentados no início de 2002 e atual julho/2008 e abril /2009

	2002				2008/2009			
	FETAGRI		CUT		FETAGRI		CUT	
	23	17	13	17,5	23	17	13	17,5
0	2	-	-	17	-	-	-	-
R\$ 90 a R\$ 300	8	2	2	1	5	-	-	10
R\$ 300 a R\$ 415	-	-	-	-	-	2	-	2
R\$500 a R\$ 700	-	1	-	-	5	1	1	1
R\$ 800 a R\$ 1200	-	-	-	-	-	-	-	4
R\$ 1.215	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAL	10	3	2	18	10	3	2	18

4.1.9 Cultura para Subsistência

De acordo com os dados obtidos, a maioria das famílias tem o leite como renda principal e produzem culturas para subsistência. No assentamento, ocorre a predominância da cultura de arroz, seguida de mandioca, feijão e milho.

4.2 CARACTERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

A importância em conhecer a propriedade da atividade leiteira é para identificar a sua infra-estrutura.

4.2.1 – Propriedade Rural

Em relação às propriedades 100% possuem energia elétrica, e utilizam a cerca elétrica para a divisão dos pastos em piquetes. A origem da água para os animais é do poço, rio ou açude. Questionados sobre a qualidade do solo, a maioria respondeu que é bom, como mostra o gráfico 7. O único problema na bacia leiteira da FETAGRI, segundo informações dos assentados é que naquela parte da região a chuva é escassa.

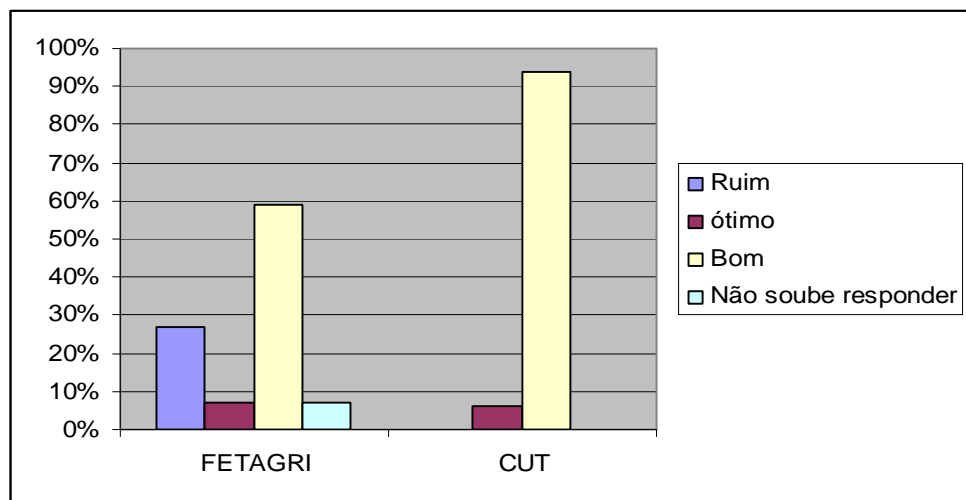


Gráfico 7- Qualidade do solo

4.2.2– Distribuição das áreas para o gado de leite

Conforme a gráfico 8, da área utilizada da FETAGRI para gado de leite, 59,53% é ocupada por pastos, e as áreas utilizadas com cana-de-açúcar, capineira, milho e sorgo, mandioca juntas representam 40,84% da área.

A área destinada à produção de volumoso é de 4,24%. Segundo Silva da Costa (2006) é um indicativo da menor especialização dos produtores na atividade.

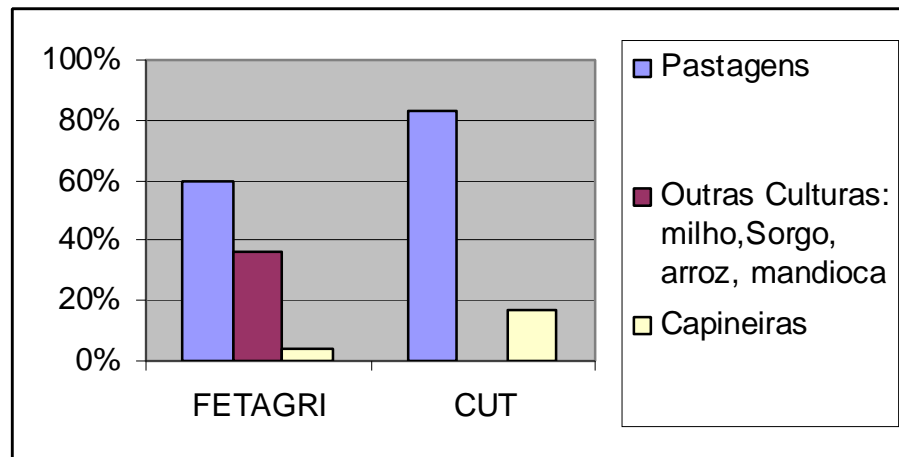


Gráfico 8 - Distribuição percentual das áreas dos produtores

4.3 ADOÇÃO DE TECNOLOGIAS

A adoção de tecnologias está diretamente associado ao aumento de produtividade animal e da terra.

4.3.1. Espécies de forrageiras

Entre as áreas de pastagens (gráfico 9) o mais utilizado foi o *Brachiaria brizantha* com 42,53% da área de pastos da FETAGRI.

A CUT a predominância dos pastos e de *Brachiaria decumbens* com 80%.

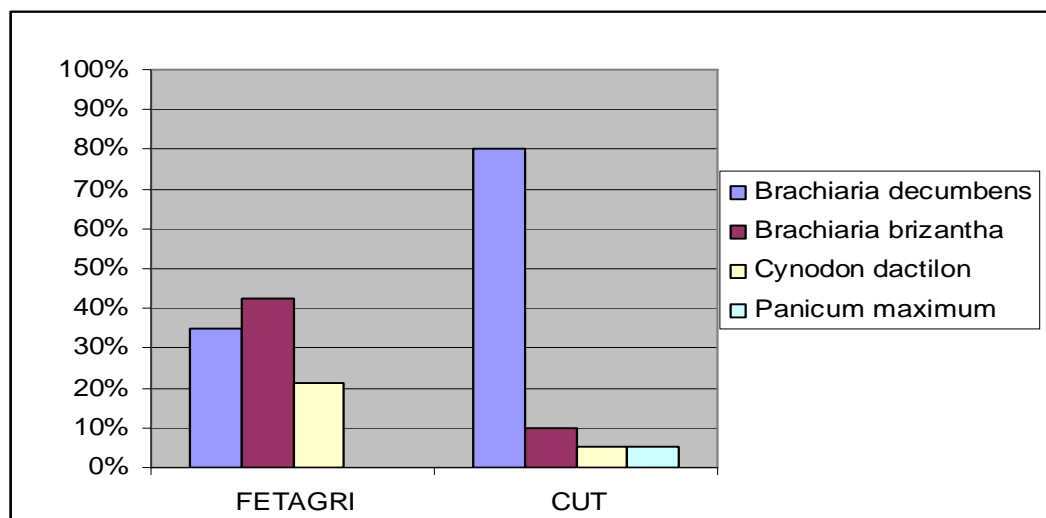


Gráfico 9 – percentual das espécies de pastagens

As espécies forrageiras utilizadas para gado de corte e leite podem variar em função da exigência animal. Normalmente as espécies de gramíneas utilizadas para gado de corte não são tão exigentes em fertilidade quando comparadas às utilizadas com gado de leite, conseqüentemente apresentam um valor nutricional menor. Por outro lado os panicuns, tiftons, napier, plantados em menor escala são normalmente utilizados para gado leiteiro. Dentre as forrageiras mais tradicionais ou mais indicadas na região, pode-se considerar que praticamente todas são adequadas à produção intensiva de leite a pasto (*Brachiária decumbens*, *Brachiária brizantha* cv. Marandu, *Panicum maximum* cvs. Mombaça e Tanzânia, Coastcross, Tifton-85), todas estas proporcionam produção de leite acima de 10L/vaca/dia, desde que devidamente fertilizadas e com manejo apropriado (CARDOSO & VOLPE, 2008).

Segundo Sérgio et al., (2004) a produção de forrageira na estação seca, é severamente reduzida, a senescência de folhas e perfilhos, acelerada, e as pastagens tropicais, especialmente aquelas mantidas sob pastejo, apresentam normalmente baixa disponibilidade de forragem de boa qualidade.

Muitos produtores utilizam as pastagens sem o devido descanso, lotação muito acima da capacidade de suporte das pastagens, sem a devida reposição de nutrientes ao solo, comprometendo a vida útil das pastagens.

As qualidades das pastagens constituem-se no componente principal da dieta dos ruminantes, especialmente nas regiões tropicais, onde, exceto em regiões de alta densidade demográfica, e quando bem manejadas torna a pecuária mais rentável (VILLAÇA et al., 1985 *apud* GERON & BRANCHER 2004).

A combinação de características físicas, herança genética, condições ambientais e manejo alimentar, proporcionam resultados positivos na produção de leite (GERON & BRANCHER, 2004).

4.3.2 Evolução do Rebanho

Na evolução do rebanho percebe-se na tabela 10, que na área da bacia leiteira (23 ha) da FETAGRI o rebanho não evoluiu tanto quanto nos lotes de 17 ha.

A origem dos recursos para adquirir o rebanho, inicialmente foi capital próprio e depois fizeram financiamento através do PRONAF A e PRONAF MULHER.

Houve aumento no rebanho para todos os lotes. Todavia tal aumento na quantidade de animais não refletiu no aumento da produtividade.

Destaca-se que a relação vaca/touro é de 1 touro para 25 vacas, na FETAGRI, todos estão corretos, na CUT é praticada a inseminação artificial (Tabela 10).

Em relação taxa de natalidade é baixa, sendo que o ideal seria 80% bezerros nascidos vivo em relação ao número de vacas do rebanho. Isso demonstra falta de planejamento. A pecuária leiteira brasileira convive há quase um século com baixa produtividade, mantendo-se quase estagnada por todo esse período. Esse fato faz que o retorno econômico esteja muito aquém do potencial da atividade. Isso é caracterizado pelo conservadorismo e extrativismo marcantes (FERREIRA et al., 2007).

Tabela 10 - Composição média do rebanho anterior/2002 e atual julho/2008 e abril/2009

	2002				2008/2009			
	FETAGRI		CUT		FETAGRI		CUT	
	23	17	13	17,5	23	17	13	17,5
Vacas	8,2	2,5	1	3,5	16,6	31	7	10,77
Touro	1	-	-	-	1,2	1	1	0,70
Novilhas/novilhos	6,8	-	-	6	6,8	6	1	6,86
Bezerros desmamados	1	-	-	2	4,1	8	1	2,75
Bezerros mamando	-	-	1	3	7,3	9	3,5	7,18
TOTAL	17	2,5	2	14,5	36	55	13,5	28,28

A taxa de lotação na FETAGRI é de 1,56; 3,23; 1,03 e na CUT é de 1,61, percebe –se que no lote de 17 ha a taxa de lotação é de 3,23, implicando em menor oferta de forragem por animal, dieta de menor qualidade, não permitindo pastejo seletivo, comprometendo a produção animal. Entretanto na CUT a taxa de lotação é de 1,61, considerado adequado, para o nível de tecnologia.

4.3.3 Sistema de produção

O sistema de produção mais utilizado é o semi-confinado na FETAGRI, como mostra o gráfico 10, onde os animais ficam confinados em áreas restritas com alimentação e água disponível e, em determinados períodos do dia, são manejados sob pastagens cultivadas. Enquanto que na CUT o sistema de produção é o pasto.

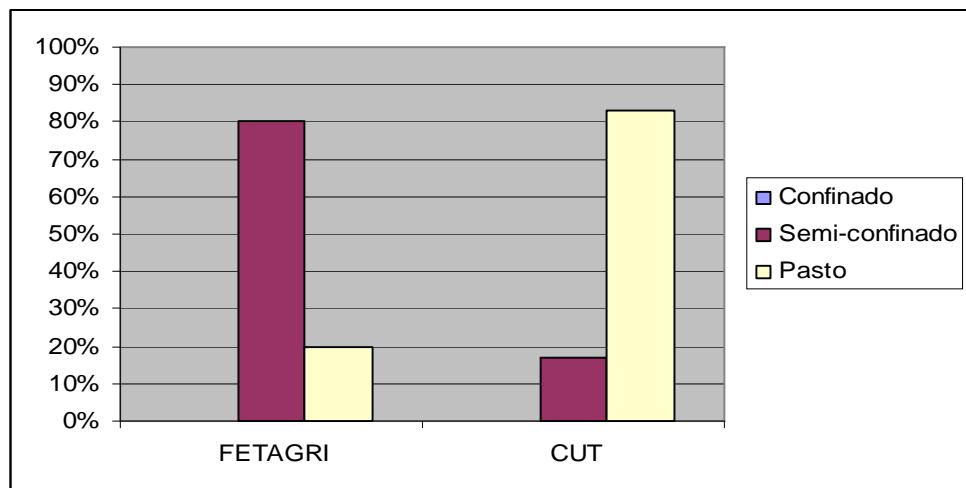


Gráfico 10 – sistema de produção



Foto 1 – Animais de origem leiteira em pastejo em propriedade - FETAGRI



Foto 2- Animais semi-confinado - FETAGRI

No lote 23 ha onde é pratica a bacia leiteira predomina a raça mestiço e a girolando e nos lotes de 13 ha tem-se que a composição racial das matrizes, na sua maioria são de raças especializadas na produção de leite e na CUT a composição é de girolando e mestiço.

Como podem ser observados na foto 1 e 2 que na FETAGRI utilizam-se de raças especializadas.

Na tentativa de melhorar a produtividade destes sistemas, tem-se utilizado em larga escala o cruzamento de raças zebuínas (ou nativas adaptadas), que apresentam excelente adaptação às condições tropicais, com raças de origem européia especializadas para produção de leite (FACÓ et al , 2002).

Facó et al (2002) ressaltou que no Brasil, a maior parte da produção de leite é oriunda da utilização de mestiços zebuínos. Dentro deste universo, ocupam posição de destaque os mestiços Holandês x Gir. Dada a importância deste tipo racial no panorama da produção de leite nacional, em 1989, o Ministério da Agricultura (Brasil, 1992), juntamente com as Associações representativas, traçaram as normas para a formação da raça Girolando (5/8 Holandês x 3/8).

Os mais produtivos serão aqueles que têm animais de origem leiteira.

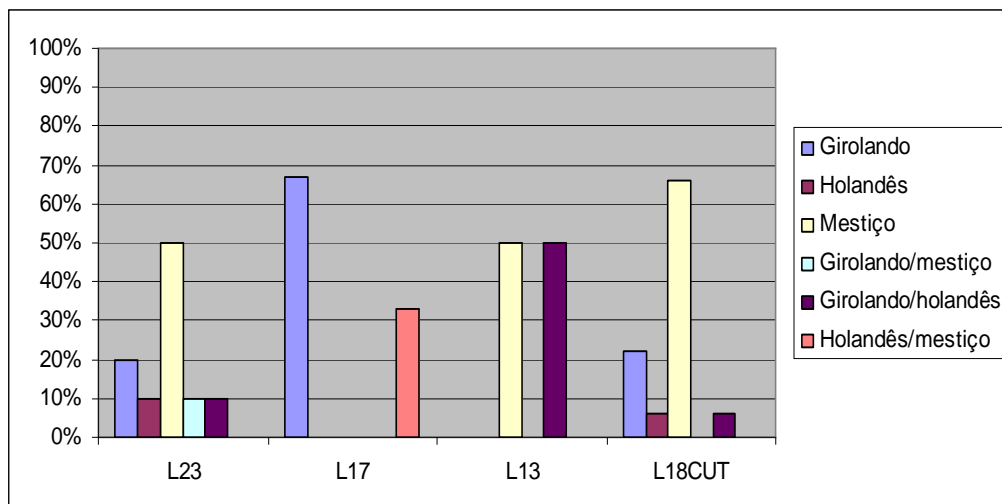


Gráfico 11 – composição racial dos animais

O sistema de reprodução na FETAGRI é a monta natural, verificou-se que não existe planejamento. Destaca-se que na FETAGRI 01 produtor da área 17 ha, é praticada a inseminação artificial. Enquanto que na CUT a maioria dos entrevistados praticam a inseminação artificial que é atualmente se destaca com menor custo. É uma experiência nova praticada pelo grupo Amambaí tanto que quanto questionados os produtores da FETAGRI em relação que curso ou treinamento gostaria de fazer a maioria respondeu que é sobre inseminação artificial.

4.3.4 Assistência técnica

Quando questionados se recebiam orientação técnica de algum órgão, 90% dos entrevistados da FETAGRI disseram que não receberam nenhum tipo de orientação e 10% recebem ou receberam. Dos entrevistados da CUT, 11% utilizam orientação técnica no desenvolvimento de suas atividades (Gráfico 12).

Observou-se que na CUT a assistência técnica é particular, e que a periodicidade de atendimento é mensal e estão satisfeitos com o atendimento.

Enquanto que na FETAGRI é de órgão governamental é a periodicidade da assistência é anual. Um dos entrevistados disse que vieram somente uma vez desde que estão assentados.

O órgão Governamental é a AGRAER, que faz o trabalho de Extensão Rural, cuja natureza é educacional e não de Assistência Técnica.

Percebe-se que os assentados não conseguem fazer a distinção de Assistência Técnica e Extensão Rural.

Provavelmente devido à falta de assistência, além das demais causas citadas anteriormente (idade, escolaridade, etc..) estes grupos sejam os mais improdutivos.

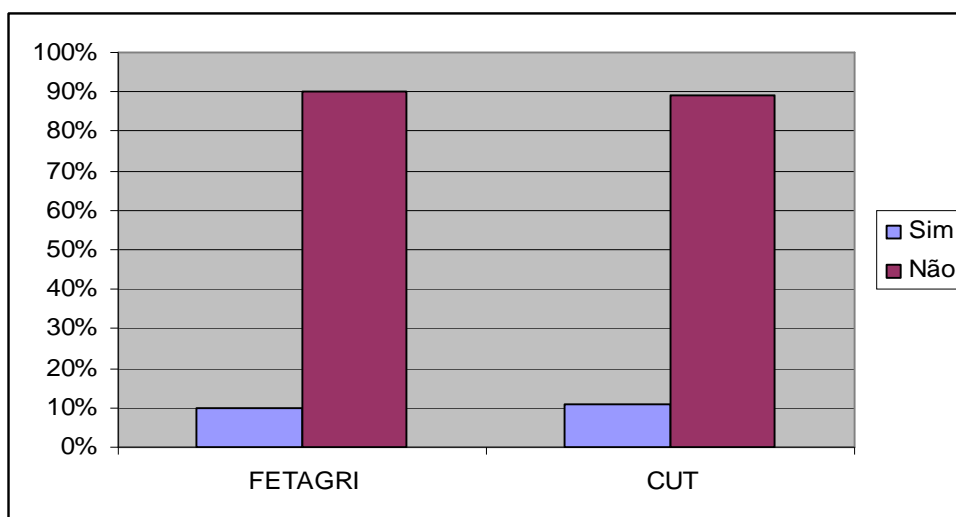


Gráfico 12 – Recebimento de assistência técnica pelos assentados

Segundo informações da AGRAER a função é de extensão rural. A forma de participação da AGRAER é de seminários, cursos e capacitação.

4.3.5 Máquinas e equipamentos

Percebe-se conforme a tabela 11, que a picadeira de forragens apenas 4 produtores possuem, o que demonstra que não há preocupação em suplementar os animais durante o período seco.

Apenas a CUT utilizam inseminação artificial, e o botijão de sêmem é coletivo que é uma importante ferramenta de melhoramento genético do rebanho.

Tabela 11 – Máquinas e equipamentos

	FETAGRI			CUT
	23	17	13	17,5
Picadeira de forragem	2	1	1	1
Pulverizador	-	2	1	1
Botijão de sêmem	-	1	-	1
Carroça	6	2	2	-
Trator	5	-	1	-
Arado	-	1	1	-
Balança	3	-	-	-
Equipamento para irrigação	-	-	1	-
Utensílios	-	-	-	2
Balde	6	2	1	2
Latões	3	2	1	1
Triturador	-	1	2	1
Veículos	2	2	2	-
Carretinha	2	-	-	-

4.4 QUALIDADE DO LEITE

Em relação à ordenha, 100% dos entrevistados utilizam a ordenha manual.

Quanto ao número de ordenhas 71,42% dos entrevistados da FETAGRI praticavam uma ordenha diária e 28,58% duas ordenhas/dia, enquanto que na CUT 11% praticavam duas ordenhas/dia (gráfico 13).

Esse resultado reflete a falta de assistência técnica, e que poderá também influenciar negativamente na qualidade do leite produzido (consumido e comercializado).

Todavia, as médias diárias de produção não permitiriam práticas mais de 1 ordenha/dia (tabela 12).



Foto 3 – Ordenha Manual

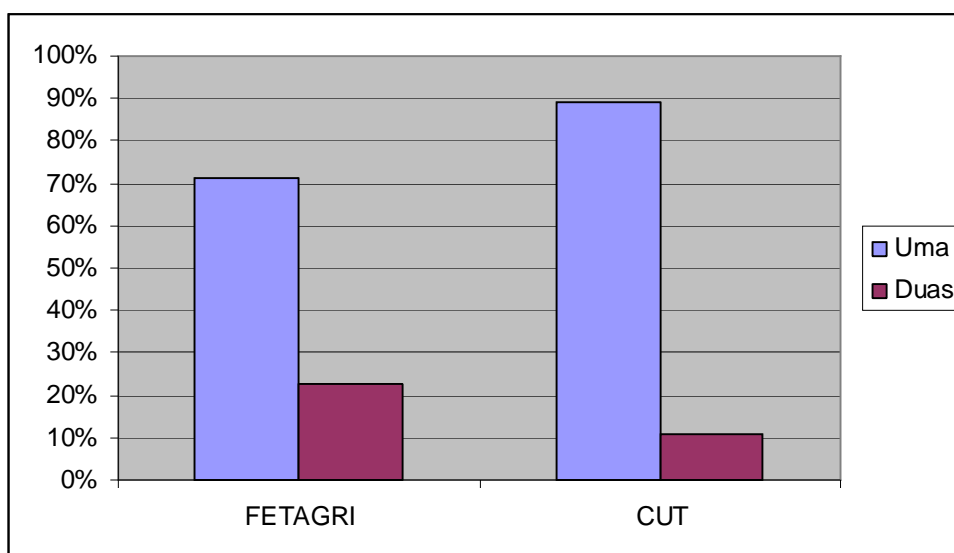


Gráfico - 13 - número de ordenhas/dia

Na concepção de Ferreira et al., (2007) um dos fatores relacionados relação a baixa produtividade dos rebanhos bovinos leiteiros no Brasil está qualidade

genética inferior dos animais, resultando em baixa produção por lactação, lactações curtas e baixa persistência na produção, entretanto alimentação, práticas de manejo. Entretanto outros fatores cooperam tais como: reforma e renovação do plantel de vacas, alimentação, sanidade, práticas de manejo.

4.4.1 Armazenamento, resfriamento e transporte do leite

Quanto ao armazenamento do leite, 100% dos produtores armazenavam o leite em tambor plástico, em temperatura ambiente (foto 4), e realizavam o transporte imediatamente após a ordenha, até um resfriador comunitário, que é próximo aos seus lotes.

O resfriador é coletivo, geralmente dividido entre 12 produtores, sendo que um é de propriedade da associação APRARSAI da FETAGRI, e 1 da CONFEPAR da CUT e o restante são de laticínios que fornecem em forma de comodato.



Foto 4 – Tambor de leite

O tamanho dos resfriadores é variável em função da produtividade : 600L, 800L, 1200L, 2000L, 1600L, em função da produtividade, onde os produtores entregam o leite e transportado em caminhão tanque até o destino final.

Para melhorar qualidade e modernização da produção de leite no Brasil, foi instituída a Instrução Normativa nº 51, publicada em 18 de setembro de 2002, que é um conjunto de regras e normas elaboradas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, estabelecendo regulamentos técnicos para a produção, armazenagem e transporte do leite.



Foto 5 – Resfriador da FETAGRI

4.5 DESTINO DO LEITE

Os assentados não praticam o mercado informal do leite. Informações levantadas pela pesquisa de campo em relação à produção, uma parte é consumida na própria fazenda e o restante é comercializada nos laticínios que fornecem o

resfriador. Os laticínios são: Líder do Estado do Paraná, Camby da cidade de Dourados e a Saga da cidade de São Gabriel do Oeste que atualmente pertence à Líder.

Na cidade de Ponta Porã tem o Laticínio que pertence a Associação dos Produtores e Revendedores de Leite de Ponta Porã, com a marca Leite da Fazenda.

4.6 CAPACITAÇÃO

Questionados quais os assuntos que gostariam de saber mais, ficou evidente que é a produção e manejo de pastagens e inseminação artificial (Gráfico 14). Percebe-se que na Bacia Leiteira da FETAGRI a falta de interesse na alimentação e manejo de vacas leiteiras é um dos problemas enfrentados na época de seca, no entanto no lote 17 a situação é o inverso.

As capacitações geralmente ocorrem em reuniões oferecidas pelos laticínios e associações onde as famílias estabelecem trocas de experiências, compartilhando novos conhecimentos e oportunidades de informações entre si e também pela AGRAER que são transmitidas pelos representantes da instituição de apoio ao assentamento.

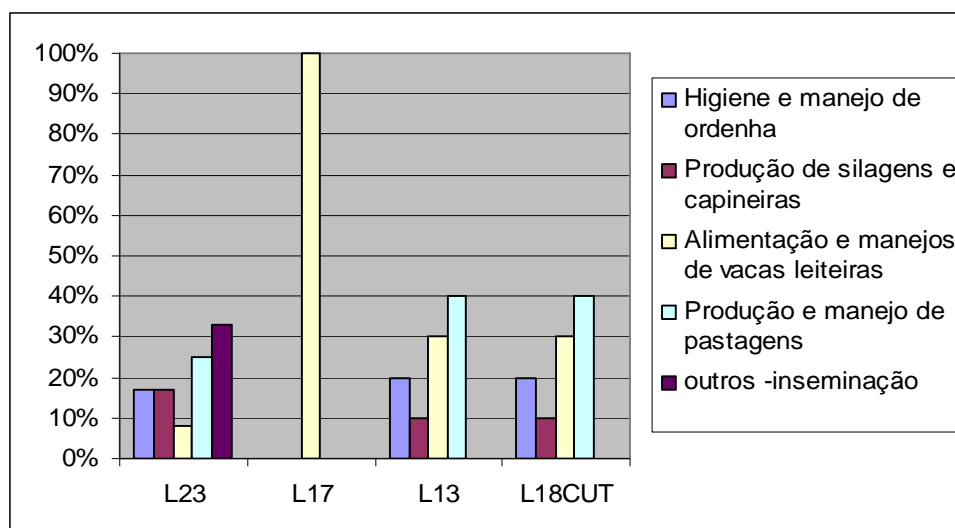


Gráfico 14 – capacitação solicitada pelos assentados

Para se melhorar a produção leiteira, inicialmente deve-se atentar para alimentação dos animais. Assim, melhorias na qualidade e quantidade de pasto seriam os primeiros passos para a busca do aumento de produtividade. Observa-se

na gráfico 14 que muitos produtores não tem essa visão sobre sua estratégia para a busca de melhores resultados, pois a reprodução deveria ser o último passo a ser tomado.

Observou-se ainda que apenas 20% do lote 23 ha, e 10% na CUT, solicitaram o curso de produção de silagens e capineiras. Ressalta-se que a produção de alimentação de vacas leiteiras é um dos fatores importante no período de inverno, concomitante ao melhor valor de venda do leite.

4.7 ANÁLISE ECONÔMICA DA ATIVIDADE LEITEIRA

A maior parte dos produtores familiares não tem a postura de registrar dados no dia-a-dia, muito menos de convertê-los em informações para análises futuras, que seriam essenciais para formalizar o controle da atividade como um todo.

Questionados se efetuam o controle de custos da sua produção, todos afirmaram que não.

A análise econômica da atividade foi feita uma estimativa, com as informações que se obteve, pois eles não tem noção de despesas. A estimativa foi feita em débitos que possuem nas agropecuárias e nos mercados.

Para analisar a renda bruta e o custo de produção da atividade leiteira (tabela 14), utilizaram-se as seguintes informações: a renda bruta refere-se ao valor da produção durante o mês, incluindo o consumo da família. O custo de produção foi utilizado o custo operacional efetivo que inclui os desembolsos do produtor, tais como: fertilizantes, defensivos, sementes, reparos de benfeitorias, medicamentos, material de ordenha, energia e combustível e outros gastos de custeio.

Ressalta-se que não foi calculado os custos referentes à mão-de-obra familiar, as depreciações dos equipamentos (sendo que alguns são coletivos).

Tabela 12 – Médias de produção de leite por grupos de produtores dos movimentos sociais

	FETAGRI			CUT
	23	17	13	17,5
Produção Diária (L/dia)	28,67	14,33	40	35
Produção Mensal(L/ mês)	860,10	429	1.200	1050
Produção Anual (L/ ano)	10.321	5.148	14.400	12.600
Produtividade(L/vaca/dia)	1,70	0,45	5,63	3,20
Produtividade por área (L/vaca/dia/ha)	0,07	0,02	0,43	0,18

A produtividade animal serve para dimensionar a própria produção leiteira na mesma propriedade ao longo do ano produtivo.

Destaca-se que a produção média diária no lote 13 ha é maior em relação ao lote de 23 ha que é de 28,67 litros/dia (tabela 12), e na CUT é maior em relação ao lote 23 ha, onde foi contemplada a bacia leiteira.

O ANUALPEC 2007 apresentou dados de Mato Grosso do Sul com uma produção total é 510 milhões de litros de leite no ano de 2006 e considerou uma produtividade média de 2,29 litros de leite por vaca/dia (VERDI, 2008).

Entretanto a CUT apresentou a maior produtividade média de leite por vaca/dia que foi de 3,20, devido o sistema de alimentação do rebanho leiteiro utilizado pelos produtores são as pastagens. Uma das principais vantagens da adoção das pastagens é o custo acessível, mas o retorno na produtividade do animal é menor (tabela 12).

Ressalta que no lote 13 ha foram entrevistados somente 2 produtores de leite, enquanto que na CUT 18 produtores.

A produtividade por área serve como indicador da eficiência do uso de recursos forrageiros da propriedade e do potencial do rebanho. Quando se aumenta a taxa de lotação das pastagens e a produção por vaca ordenhada, pode-se obter maior produtividade, usando toda tecnologia para obter melhores receitas com a venda do leite por unidade de área.

Atualmente no Estado de Mato Grosso do Sul os produtores de leite produzem menos de 1 mil litros de leite/ha/ano, segundo o professor Dr. Marcus

Vinicius Moraes de Oliveira, coordenador do Programa RIO DE LEITE e também presidente da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Leite no Estado de Mato Grosso do Sul (CSCPL/MS), no 12º Encontro Técnico do Leite (RIO DE LEITE, 2009)

A CUT apresentou maior produtividade de leite/ha/ dia que é de 0,18, uma produtividade de 65 litros de leite/há/dia totalizando 1149 litros /ha/ano, cabe ressaltar que o lote de 13 ha da FETAGRI foram entrevistados apenas 2 produtores.

Os resultados apresentados não são bons, pois os fatos indicam falta de tecnologia da atividade.

Tabela 13 – Média do preço do leite pelos produtores (julho/2008 a abril de 2009)

	FETAGRI			CUT
	23	17	13	17,5
R\$/ litro	0,60	0,53	0,65	0,39

Ressalta –se que preços do litro do leite são calculados pelos laticínios, percebe-se a falta de negociação com os laticínios em relação ao preço pago pelo leite.

Tabela 14 – Valores médios para renda bruta, custo de produção, margem bruta e o lucro do leite, mensais por grupos sociais (julho/2008 a abril/2009)

	FETAGRI			CUT
	23	17	13	17,5
Renda bruta (R\$/ mês)	516,00	227,37	780	409,50
Custo operacional efetivo (R\$/ mês)	454,81	410,00	45,09	149,92
Margem Bruta (R\$/mês)	51,25	-182,63	734,91	259,58
Lucro (R\$/mês)	51,25	-182,63	734,91	259,92

Os custos mensais com insumos, medicamentos, entre outros, avalia o grau de dependência do produtor em relação à aquisição destes itens. A partir

destes valores é possível calcular a sustentabilidade da atividade e relacionar os pontos críticos.

Observa-se na tabela 14, que o lote 13 ha apresentou maior renda bruta, entretanto somente duas famílias foram entrevistadas. A CUT, onde a produção é inseminação artificial apresentou menor custo e maior produtividade animal, entretanto a produção animal no lote de 17h é de 0,43 menor em relação ao lote 13ha (tabela 12), tal fato comprova o prejuízo (tabela 14). Isso comprova as suposições anteriores sobre a incapacidade administrativa que refletiu na produtividade e rentabilidade da área.

4.8 NÍVEL SATISFAÇÃO COM RELAÇÃO AO ASSENTAMENTO

Quando foram questionados sobre o grau de satisfação em relação à vida, família e salário, observa no gráfico 15 que dos 15 entrevistados da FETAGRI, 5 responderam em primeiro lugar que estão satisfeitos com a saúde em segundo lugar com a vida e em terceiro lugar com a família. Questionados sobre o que falta para melhorar o grau de satisfação, responderam: incentivo para jovens no assentamento, pois até o momento não contempla projeto nessa área; Cursos na área de informática, pois a maioria tem que se deslocar para a cidade; Assistência a saúde, pois no assentamento só existe um enfermeiro padrão que os atende; indústrias; política séria de implementação da produção e renda e outros investimentos. Eles percebem a necessidade da inovação.

Da CUT, 33% dos entrevistados colocou em primeiro lugar a vida e a saúde em quarto lugar com 21%, em relação o que falta para melhorar o nível de satisfação responderam: mais recursos, infra-estrutura e financiamentos para aprimorar com as atividades já existente na propriedade com novas técnicas que o auxiliem na produção e na rentabilidade. A maioria respondeu que é uma das necessidades emergenciais do assentamento e a assistência a saúde.

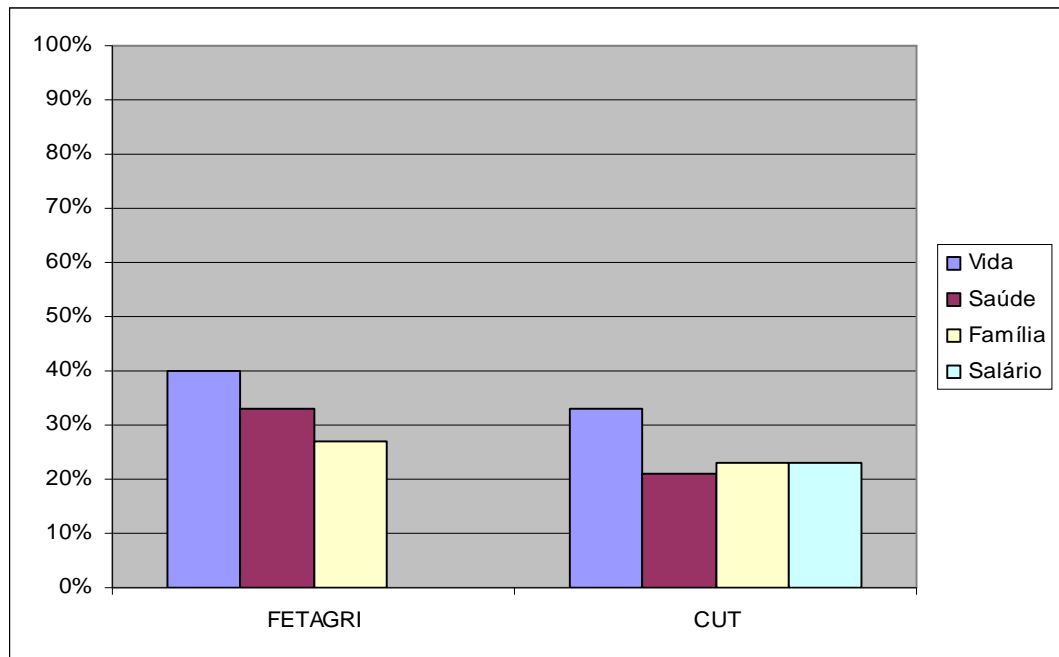


Gráfico 15 – Nível de satisfação com relação ao assentamento

BONES (2006) observou no seu estudo de caso sobre o P.D.A do assentamento Itamarati, apresentava condições precárias, no que tange as condições das estradas, do saneamento básico, da educação e principalmente da saúde.

Destaca-se na FETAGRI, não aparece como nível de satisfação o salário, isso comprova em relação à renda bruta apresentado na tabela (14) que foi menor, devido a baixa produtividade apresentados nos lotes 23ha e 17ha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade leiteira é uma atividade em evidência no Brasil, por se tratar de uma das frentes de trabalho da área do agronegócio, a sua produção na maior parte é feita pelas pequenas propriedades, principalmente nos assentamentos, que é a principal atividade econômica, exercida pelos membros da família.

Um dos desafios do pequeno produtor é tornar a sua atividade competitiva e transformar em grande produtor, mesmo sendo pequeno.

O mapeamento realizado nesta pesquisa sobre as potencialidades e limitações da atividade leiteira no assentamento Itamarati -1, nos grupos sociais FETAGRI E CUT, devido ao amplo número de fatores identificados. Observou-se através dos resultados que o aproveitamento das potencialidades de desenvolvimento da atividade leiteira é parcial devido a fatores limitantes.

As análises mostram as potencialidades do assentamento: todas as propriedades possuem energia elétrica; o solo é considerado bom pela maioria dos produtores; existe a garantia de mercado do leite produzido, a condição de acesso às fazendas, não é entraves ao desenvolvimento, pois possuem resfriador comunitário, não sendo necessário o produtor deslocar-se para cidade para entrega do leite, os laticínios encaminham o caminhão tanque para buscar.

Os assentados têm a possibilidade de comercialização conjunta de um volume considerável de leite, permitindo inclusive a instalação de laticínios na região, para promover o desenvolvimento social do local.

O laticínio que poderia ser instalado no assentamento Itamarati foi implantado em Ponta Porã.

A região possui 3 escolas estaduais com média de 1200 alunos, o que possibilita a instalação de uma escola agrícola, para evitar a evasão dos jovens para a cidade em busca de oportunidades. Os jovens que permanecem no assentamento

são aquelas que não opção de escolha e os que terminam o ensino médio deslocam-se para cidade de Ponta Porã para cursar o ensino superior.

Com relação às pastagens já receberam pronto. O emprego de inseminação artificial na CUT é uma importante alternativa para melhoria genética do rebanho, pois apresenta baixo custo de produção.

Os principais pontos de estrangulamento ou limitações a evolução da atividade é a falta de assistência técnica, modernização da atividade leiteira com a introdução de novas tecnologias. Todavia outros aspectos contribuem para esta realidade a falta de escolaridade, a idade e talvez o próprio interesse no treinamento e cursos da atividade leiteira.

A maioria dos produtores possui mais de 50 anos e baixa escolaridade, entretanto, somente dois produtores sem escolaridade, tendo no próprio assentamento escolas que oferecem a EJA (Educação de Jovens e Adultos) o que facilitaria o aproveitamento nas capacitações.

Com relação à assistência técnica, alguns não recebem e os que recebem, a maioria é por profissional autônomo e estão satisfeitos com o resultado. A assistência técnica é de fundamental importância que as informações cheguem ao assentado de forma qualitativa.

O associativismo é restrito, o que indica a necessidade de desenvolver a cooperação e a solidariedade

O associativismo pode aumentar o poder de barganha do preço médio leite evitando as flutuações ao longo do ano, e o fortalecimento da ação coletiva para comercialização do leite e compra de equipamento e insumos e garantir a rentabilidade e a sustentabilidade da produção de leite no mercado.

Dos que já fazem parte de alguma associação existente no assentamento deve-se fortalecer a cooperação mútua entre eles e estabelecer metas e objetivos.

Devido os movimentos sociais ser muitos distintos um dos outros, existe a ausência de confiança e reciprocidade.

Os produtores não têm o costume de anotar os dados econômicos e zootécnicos, essencial para o levantamento da realidade econômica da atividade. Há necessidade de capacitação sobre custos de produção e gestão para avaliar a rentabilidade e sustentabilidade de suas atividades produtivas.

A renda bruta dos assentados da CUT é maior, apresentou a menor taxa de lotação, a maior produtividade animal, tendo em vista que é praticada a inseminação artificial e o sistema de produção do gado é o pasto, que apresentam menor custo.

As propriedades que apresentaram menor renda percebeu-se que a produtividade animal e a produtividade por área eram menores, o sistema de produção é o semi-confinado que apresenta custos altos.

A baixa produtividade pode ser vista como uma ameaça, mas, também como uma grande oportunidade de surpreender o mercado, pois evidencia a necessidade de se organizar, para melhor alocação dos recursos disponíveis.

Com relação ao nível de satisfação ao assentamento, reforça a necessidade do governo em apresentar políticas públicas e programas para o trabalhador com relação à implementação da produção e renda e outros investimentos.

Analisando as potencialidades ficou claro o grande potencial da região para a pecuária leiteira com tudo esse potencial não está desenvolvido pelo fato da limitação apresentada na análise da pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Adilson de Paula Almeida. Como aumentar a rentabilidade da Pecuária de Corte. Viçosa-MG,CPT,2004.118 p.

ALBAGLI Sarita; MACIEL. Maria Lucia. **Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local**. Ci. Inf., Brasília, v. 33, n. 3, p.9-16, set./dez. 2004

ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. **Identidade, Distinção e Territorialização: O processo de (Re) criação camponesa no Mato Grosso do Sul**. 2003. 391 f. Tese (Doutorado em Geografia),Unesp, Presidente Prudente.

ARENHARDT. Mauro Mallmann. **Cultura e identidade: os desafios para o desenvolvimento local no assentamento aroeira, Chapadão do Sul, MS**. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

ATTUCH, Leonardo. **O drama de Olacyr**. Isto é Dinheiro. 2004.

ÁVILA, Vicente Fideles de. **Cultura, desenvolvimento local, solidariedade e educação**. Disponível em: <www.ucdb.br/coloquio>. Acesso em: 24 nov. 2007. (Colóquio Internacional de Desenvolvimento Local: O desenvolvimento local na perspectiva do desenvolvimento humano, 25 a 28 de novembro de 2003).

ÁVILA, Vicente Fidelis de. **Educação escolar e desenvolvimento local: realidade e abstrações no currículo**. Brasília: Plano Editora, 2003.

ÁVILA, Vicente Fidelis. **A pesquisa na vida e na universidade: ensaio de cursos para estudantes, professores e outros profissionais**. Campo Grande. UCDB. 2000.

ÁVILA, Vicente Fideles de. **Cultura de Sub/desenvolvimento e desenvolvimento local**. Sobral: edições Uva, 2006.

BATALHA, Mario Otavio, et. al. **Gestão agroindustrial**, São Carlos : ed. Atlas, 1997.

BACARJI. Alencar Garcia. **As organizações da câmara setorial na garantia de qualidade do leite em Mato Grosso do Sul**. 101p. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.

BONEMAISON, Joel. “**Viagem em torno do território**” In ROSENDHAL, Zeny e CORRÊA Roberto Lobato (orgs.) Geografia Cultural (3). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BONES, Sandro Maroso. **Avaliação do plano de desenvolvimento do assentamento Itamarati (PDA):um estudo de caso**.140 p. Dissertação de Mestrado (M) – Universidade federal de mato Grosso do Sul/Departamento de Economia e Administração. Campo Grande, 2006.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural. Brasília, DF: SAF; Dater, 2004.

CARLOS, Ana. Fani Alessandro. **O lugar no/do mundo**. São Paulo:HUCITEC, 1996.

CARLOS, Ana. Fani Alessandro. O lugar no/do mundo. 1. ed. São Paulo-SP: Labur Edições/GESP, 2007. v. 1. 74 p.

CASTRO. Kátia Brembatti. **Mercado Externo elevou o preço do leite**. Gazeta do Povo. 20/03/2008;. 20/04/2008.Disponível em [Http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/economia/conteudo.phtml?tl=1&id=758532&tit](http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/economia/conteudo.phtml?tl=1&id=758532&tit) Acesso em 10 de out. 2008.

CARDOSO, Sandro; VOLPE, Edmilson. **Aspectos a serem considerados para uma boa formação de pastagens.AGRAER/2008.**

Disponível :. www..sgi.ms.gov.br/ . Acesso: em 18 de Nov. 2008.

CARVALHO, Limirio de Almeida Carvalho et al. **Sistema de produção do leite (no cerrado.)** EMBRAPA, gado de leite./ 2008. Disponível: www.cnp.gl.embrapa.br

CAPORAL , Francisco Roberto. **Bases para uma nova ater pública.** Capítulo VIII da Tese de Doutorado do autor. E-mail: caporal@emater.tche.br Santa Maria(RS), janeiro, 2003.

CEOLIN, Adriano. **O símbolo troca de mãos.** Veja on line.2001.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade gerencial: teoria e prática.** São Paulo: Atlas, 1998.

DAMASCENO, Julio César, et al. O papel do homem na gestão e controle de qualidade da produção. In: Geraldo Tadeu dos Santos; Lourival Uhlig; Antonio Ferriani Branco; Clóves Cabreira Jobim; Júlio Cesar Damasceno; Ulysses Cecato.. (Org.). **Inovação tecnológica na cadeia produtiva do leite e a sustentabilidade da Pecuária Leiteira.** 1 ed. Maringá: EDUEM, 2008, v. 1, p. 271-284.

DE SOUZA TRINDADE, Ana Mirtes; DA SILVA, Renata Wolf Suñé Martins. **Sistema de criação de bovinos de leite para a região sudoeste do Rio Grande do Sul** EMBRAPA GADO DE LEITE./ 2008. Disponível: www.cnp.gl.embrapa.br

EL-MEMARI NETO, Antonio Chaker.**Gestão de sistemas de produção de bovinos de corte: índices zootécnicos e econômicos como critérios para tomada de decisão.**

Disponível:

<http://www.ruralcentro.com.br/Artigos/20080128112028GEST%C3%83O%20DE%20SISTEMAS%20DE%20PRODU%C3%87%C3%83O%20DE%20BOVINOS%20DE%20CORTE.pdf>
Acesso em 10 de Nov d 2008.

FACÓ, Olivardo et al. **Análise do Desempenho Produtivo de Diversos Grupos Genéticos Holandês x Gir no Brasil.** R. Bras. Zootec., v.31, n.5, p.1944-1952, 2002;

FERREIRA, Ademir de Moraes, et al. **Reprodução de Bovinos Leiteiros.** Apr 19 2007, 11:27 PM.

Disponível:

<http://www.portalagroveter.com.br/sys/index.php?showtopic=32&mode=threaded>.

Acesso em 24 de nov. 2007.

FRANTZ, Walter. (2002) **Desenvolvimento local, associativismo e cooperação.** Simpósio Internacional de Gestão Pública, Desenvolvimento e Cidadania. Ijuí/RS, Novembro 13.

GERD. Sparovek. (Org.). **A qualidade dos assentamentos da reforma agrária brasileira.** 1 ed. São Paulo: Páginas e Letras, 2003, v. 1, p. 1-4.

Disponível: <http://www.incra.gov.br/arquivos/0174800486.pdf>. Acesso em 10 de jul. de 2008.

GERON, Luis Juliano Valério; BRANCHER, Marcos Aurélio. **Produção de leite a pasto: uma revisão.** PUBVET, Londrina, V. 1, N. 10, Dez 2, 2007 Disponível em: <<http://www.pubvet.com.br/texto.php?id=99>>. Acesso em: 10 de Nov. de 2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo. Atlas. 1991

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Sebastião Teixeira. **Avanços sócio-econômicos em sistemas de produção de leite.** In: VILELA, D.; BRESSAN, M.; CUNHA, A. S. (ed). Cadeia de lácteos no Brasil: restrições ao seu desenvolvimento. Juiz de Fora: Embrapa Gado de Leite, 2001.

GUANZIROLI, Carlos Enrique. **Reforma Agrária e Globalização da Economia - O Caso do Brasil** – Janeiro de 1998. PROJETO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA INCRA/FAO.

Disponível : <http://www.incra.gov.br/arquivos/0144400461.pdf>. Acesso. 05 de agos. 2008.

GONÇALVES, Carlos Alberto, et.al. **Criação de gado leiteiro na zona Bragantina**. Embrapa. (Amazônia Oriental). Sistemas de Produção, 02 ISSN 1809-4325 Versão Eletrônica. Dez./2005.

HOFFMANN, R. *et al.* **Administração da empresa agrícola**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1981.

IBGE. **Censo Agropecuário**. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/2006/default.shtm> acesso em 10 de jul. de 2008.

IBGE. **Produção da Pecuária Municipal, v.34, 2006**.

Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA/Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. **O INCRA e o assentamento**. Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/arquivos/0128500427.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2007.

JARA, Carlos Júlio. **Capital social: construindo redes de confiança e solidariedade**. Quito: NEAD, 1999.

LEONE, George Sebastião.Guerra. **Curso de contabilidade de custos**. 2 ed. São Paulo:. Atlas, 2000.

LE BOURLEGAT, Cleonice Alexandre. **Construção humana de espaço, lugar e território**. Fevereiro de 2006.

LOPES, Marcos Aurélio. CARVALHO, Francisval de Melo. **Custo de produção do**

leite. 2000. Disponível : <http://www.editora.ufla.br>. Acesso em 10 de out. de 2008.

LOURENZANI, Wagner Luiz. **Capacitação gerencial de agricultores familiares: uma proposta metodológica de extensão rural**. Organizações Rurais & Agroindustriais, Lavras, v. 8, n. 3, p. 313-322, 2006.

MARTINS, Eliseu. **Contabilidade de custos**. 9. ed São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, Marcelo Costa. **Competitividade da cadeia produtiva de leite no Brasil**. Disponível em: Revista de Política Agrícola. Competitividade da Cadeia Produtiva de Leite no Brasil. Ano XIII - Nº 3 - Jul./Ago./Set. 2004. P. 38–51.

MARTINS, Sérgio Ricardo Oliveira. **Desenvolvimento Local: questões conceituais e metodológicas**. Revista Internacional de Desenvolvimento Local. Vol. 3, N. 5, p. 51-59, Set. 2002.

MEDEIROS, Medeiros Mota. **Uma análise da cadeia produtiva do leite no Brasil pós década de 90 sob a luz da Teoria das Vantagens Comparativas e seus impactos na geração de emprego e renda**. In: XLIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural e V International PENSA Conference on Agrifood Chains/ Networks Economics and Management, 2005, Ribeirão Preto. XLIII Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural e V International PENSA Conference on Agrifood Chains/ Networks Economics and Management, 2005.

MICHELS, Ido Luiz, et al. **Estudo das cadeias produtivas de Mato Grosso do Sul: leite**. IN: Michels. Ido Luiz.(Coord.). Estudo das Cadeias produtivas de Mato Grosso do Sul. Campo Grande. Oeste. 2003.

MILANI, Carlos. **Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir de experiências de Pintadas (Bahia, Brasil)**. IV Conferenda Regional ISTR-LAC, San José, Costa Rica, 2003.

OLIVEIRA NETO, João Cândido..Boletim Informativo nº 853, semana de 28 de fevereiro a 6 de março de 2005.**FAEP - Federação da Agricultura do Estado do Paraná.**

Acesso: <http://www.faepe.com.br/boletim/bi853/previdenciabi853.htm>.

Dia 29/10/2008

P.D.A .(Plano de Desenvolvimento Assentamento Itamarati) Instituto de Desenvolvimento Agrário,Assistência Técnica e Extensão de Mato Grosso do Sul (IDATERRA). Ponta Porã: [s.n.], 2002.

PEREIRA, Anísio. Cândido; OLIVEIRA, Antonio Benedito Silva ; BARBALHO, Valdir. Ferreira. . **Indicadores de controle e desempenho: Uma ferramenta de gestão direcionada para a atividade pecuária bovina de corte.** In: 6º Congresso USP Controladoria e Contabilidade, 2006, São Paulo/SP. Anais do 6º Congresso USP Controladoria e Contabilidade, 2006. v. 1.

PEREIRA, Sudanês Barbosa **Processos tangíveis e intangíveis do Desenvolvimento Local.** Revista Econômica do Nordeste, Fortaleza, v. 38, nº 2, abr-jun. 2007.

PIMENTEL. Vânia Costa. **Assentamento é mais que um “Projeto”:** **A Assistência Técnica nos assentamentos rurais.** Dissertação. 2007. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Instituto De Ciências Humanas e Sociais Programa De Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade – Cpda.

SILVEIRA, Edilson Soares da. **Condições sócio-econômicas e relação com o meio ambiente dos moradores do assentamento nova querência:potencialidades de desenvolvimento local.** 85 f Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2004.

SANVICENTE, Antonio.Zoratto. **Administração financeira.** 3. ed., São Paulo: Atlas, 1987.

SANTOS, Milton. **O retorno do território**. In Território: globalização e fragmentação. Milton Santos et al. (orgs). São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, Eduardo Destéfani Guimarães. et al. **Avaliação de Pastagem Diferida de *Brachiaria decumbens* Stapf. Disponibilidade de Forragem e Desempenho Animal Durante a Seca**. R. Bras. Zootec., v.33, n.1, p.214-224, 2004

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CASTRO, I. E. et alli (orgs.). *Geografia, Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática. 1993.

TORRES GOMES, Josimar. **Análise econômica de duas unidades de produção de leite bovino do agreste potiguar**. Dissertação pelo Centro de Ciências Agrárias da Universidade Federal da Paraíba.. Areia, PB:CCA/UFPB, 2007.10117 p. il.

VALLE, Paulo Cezar Santos. **A dinâmica do conhecimento entre os produtores da agricultura familiar no arranjo produtivo local da mandioca no valor do Ivinhema**. 89 f.: il + anexos. Dissertação (mestrado em Desenvolvimento Local) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

VERDI, Ricardo. **Bovinocultura de Mato Grosso do Sul: uma análise da atividade nos municípios**. Campo Grande: Centro de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Econômica e Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2008, 168 p. Dissertação de Mestrado.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, R.G: _____, declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) na pesquisa de campo referente ao **Potencialidades e Limitações da Atividade Leiteira no Assentamento Itamarati -1**, desenvolvida pela Mestranda em Desenvolvimento Local: **Cristina Sorrilha Irala** da Universidade Católica Dom Bosco, sob a orientação do Prof. Dr. Luis Carlos Vinhas Ítavo.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo.

Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa .

Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade .

Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de [entrevista semi-estruturada / observação / aferição / exame / coleta. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo(a) pesquisador(a) e/ou seu(s) orientador(es).

PONTA PORÃ-MS ____ de _____ de _____

Assinatura do(a) participante: _____

Assinatura do(a) pesquisador(a): _____



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

CENTRO DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO LOCAL

MESTRADO ACADÊMICO

ROTEIRO PARA RELATÓRIO DE CONTROLE DE
 PROPRIEDADES DE BOVINOS DE LEITE
 ASSENTAMENTO ITAMARATI 1

1- CARACTERIZAÇÃO DO PRODUTOR
1.1 Nome do produtor:
1.2 Localidade:
1.3 Tamanho da propriedade (hectares) INDIVIDUAL _____ COLETIVA _____
1.5 Idade do produtor
1.6 Qual atividade da esposa
1.7 Quantos filhos tem?
1.8 Qual atividades dos filhos: _____
1.9 Número total de pessoas que compõem a família
1.10 Origem: cidade _____ Estado _____
1.11 A quanto tempo está no assentamento?
1.12 Você se sente parte do lugar?
1.13 Você se sente dono do lugar ? () sim () não Se responder (não) justificar a Resposta _____
1.14 Você tem interações com outros assentados? () sim () não Que tipo de interações ? () festa () igreja () outros especificar _____
1.15 Está satisfeito com a: 1 A 4 () vida () saúde () família () salário /receita O que falta para melhor? _____

Sugestões /alternativas_____
1.16 Qual a sua escolaridade do produtor () ensino fundamental completo () ensino fundamental incompleto () ensino médio completo () ensino médio incompleto () nível superior
1.17 Pertence a associação () sim () não Qual ?_____
1.18 Está satisfeito com a cooperativa/associação ? () sim () não Porque _____
1.19 Tem experiências anteriores da atividade rural : () sim () não Qual atividade? A quanto tempo?
1.20 Produção de ordem em importância 1 a 12 () leite () soja () arroz () milho () suínos () gado de corte () mel () ovinos () frutas () doces/geléias () feijão () outros especificar_____
1.21 Leite é a sua principal renda: () sim () não
1.22 No início da atividade leiteira : Qual era a sua renda mensal _____ Hoje qual é a sua renda mensal _____
1.22 tem outras rendas ?
2. PROPRIEDADE
2.1 Proprietário
2.2 Tamanho (hectares)
2.3 Localização (município/topográfica)
Distância da capital (kg)
Estrada de acesso
2.4 Tipo de Solo:
Fertilidade do solo () boa () ruim () ótimo
Topografia
2.5 Área construída: (casas, barracões, estábulos, silos, etc...)
Casa : barracões: estábulos : silos
Área total:
2.6 Quantidade de animais totais na propriedade : atual
Vacas
Touros
novilhos/novilhas
bezerros desmamados

bezerros mamando
2.7 quantidade de animais totais na propriedade: no inicio da atividade
Vacas
Touros
novilhos/novilhas
bezerros desmamados
bezerros mamando
2.8 Origem dos recursos para adquirir os animais:
<input type="checkbox"/> próprio
<input type="checkbox"/> pronaf
<input type="checkbox"/> financiamentos especificar: _____
<input type="checkbox"/> outros especificar
2.9 Qual o sistema de produção: <input type="checkbox"/> confinado, <input type="checkbox"/> semi-confinado <input type="checkbox"/> outro especificar
2.10 Qual a raça e pureza dos animais (quantos registrados, PO, POI, PC)
<input type="checkbox"/> holandês <input type="checkbox"/> girolandia <input type="checkbox"/> mestiço <input type="checkbox"/> outros especificar
2. 11 Pastagem (espécie)
Área (hectares)
Número de piquetes
Ocupação e descanso (dias)
Critério adotado
Lotação (animais/hectare)
Disponibilidade (kg/animal)
Disponibilidade (kg/hectare)
Nível de degradação (0 a 5)
Invasoras (0 a 5)
Área de reserva ambiental
2. 12 Área destinadas à culturas(hectares)
Quais Culturas? (milho, soja, sorgo, arroz, etc.)
Produtividade (kg/hectare)
2.13 Área destinada à confecção de silagem e/ou feno (hectares)
Produtividade (kg/hectare)
Área destinada à capineiras (hectares)
Espécie
Produtividade (kg/hectare)
2.14 Quantidade de insumos (calagem e fertilizantes) utilizado nas áreas de cultivo e pastagens
_____cultivo _____pastagens
2.15 Quantidade de Divisões das pastagens e da propriedade total
Numero de piquetes

Área das divisões (hectares)
2.16 Quantidade de cochos para suplementações (mineral, misturas, concentrados...)
Tamanho
Profundidade
Comprimento
Tipo <input type="checkbox"/> coberto <input type="checkbox"/> descoberto
Material : <input type="checkbox"/> plástico <input type="checkbox"/> madeira <input type="checkbox"/> alvenaria <input type="checkbox"/> outros especificar
Distância da água (localização)
2.17 Tipo de cerca na propriedade : (elétrica, arame liso, farpado, etc.)
2.18 Origem da água : <input type="checkbox"/> poço <input type="checkbox"/> rio <input type="checkbox"/> açude <input type="checkbox"/> mina <input type="checkbox"/> outros especificar
2.19 Número de árvores por piquetes
Sombreamento (0 sem sombreamento a 5 bem sombreado)
2.20 Índice Pluviométrico da Propriedade ou Região
Precipitação mensal e anual na propriedade (pluviômetro)
2.21 Variação de Temperatura - mínima e máxima (mensal e anual)
2.22 Número de Funcionários (Função de cada um)
3. NASCIMENTOS
3.1 Número de nascidos vivos/ano
3.2 Abortos
3.3 Mortalidade ao nascimento
3.4 Peso dos animais ao nascer
3.5 Época dos nascimentos
3.6 Sexo total de _____fêmeas _____machos
3.7 Identificação (materna e paterna)
Numeração
3.8 Sistema de criação dos bezerros
<input type="checkbox"/> Bezerreiro coletivo
<input type="checkbox"/> Casinhas
<input type="checkbox"/> Piquete de apartação
3.9 Fornecimento de leite para bezerros (litros/dia)
Balde
Mamadeira
3.10
Idade ao desmame:
Método de desmame <input type="checkbox"/> brusco <input type="checkbox"/> gradual
Critério para desmame: <input type="checkbox"/> peso <input type="checkbox"/> idade <input type="checkbox"/> consumo de concentrado <input type="checkbox"/> outros especificar _____
3.11 Fornecimento de concentrado para bezerros (kg/dia)

Composição (ingredientes e porcentagens)
3.12 Fornecimento de volumoso (feno ou capins) (kg/dia)
3.13 Mortalidade até o desmame (total de animais)
3.14 Cuidados ao nascer
Acompanhamento
Maternidade () piquete () barracão () curral () outros especificar _____
Fornecimento de colostro () na vaca () artificialmente
Banco de colostro () sim () não
Tempo decorrido para a 1ª mamada (horas)
Idade da Vaca ao parto (meses ou ano)
Escore da vaca ao parto (1 magra a 5 gorda) condição física
3.15 Manejo do bezerro ao nascer:
Limpeza de narinas
Cura de umbigo (como é feito e qual produto)
Identificação (brinco ou cor do bezerro, caderneta, etc..)
vermífugo (produto/quantidade)
3.16 Total de leite consumido pelo bezerro (kg)
3.17 Total de feno consumido pelo bezerro (kg)
3.18 Total de concentrado pelo bezerro (kg)
3.19 Vacinas/vermífugos
3.20 Produto utilizado
3.21 Idade em que foi vermifugado
4. RECRIA (do desmame até 10 meses até 24 MESES)
4.1 Peso ao desmame
4.2 Sistema de criação (pasto, confinamento)
4.3 Consumo de concentrado/dia (kg/dia)
4.4 Composição (ingredientes e porcentagens)
4.5 Consumo de volumoso/dia (kg/dia)
tipo de volumoso
4.6 Quantidade de remédios utilizados
Principais produtos (vermífugos, vacinas, etc.)
Épocas de aplicação
Critério
4.7 Número de animais desmamados/ano
4.8 Destino dos machos: () venda () consumo () reprodutor
4.9 Destino das fêmeas () venda () consumo () recria
4.10 Critérios para seleção de reprodutores:
4.11 Suplementação (mineral, protéico, mistura múltipla, etc.)
Qual produto?
Época de uso (meses ou época do ano)

Quantidade fornecida
4.12 Tamanho do cocho
Tipo de cocho
4.13 Pastagem (espécie) para esta categoria : para recria
Área (hectares)
Número de piquetes
Praças de alimentação
Ocupação e descanso (dias)
Critério adotado
Lotação (animais/hectare)
Disponibilidade (kg/animal)
Disponibilidade (kg/hectare)
Nível de degradação (0 a 5)
Invasoras (0 a 5)
4.14 Acompanhamento ponderal dos bezerros de recria
Pesagens/fita (método)
Periodicidade (meses)
4.15 Idade do primeiro cio
Idade à primeira cobertura ou inseminação
Peso à primeira cobertura ou inseminação
Número de inseminações por prenhes positiva
4.16 Faz Controle de Crescimento mensal () sim () não
Pesagens (balança, fita)
Escore corporal
Critérios de seleção das novilhas que vão entrar em produção
5. PRODUÇÃO (VACAS)
5.1 Número de vacas em lactação
5.2 Divisão de lotes (peso, fase de lactação, produção)
5.3 Época dos Partos
5.4 Produção
diária
mensal
total
5.5 Período de Lactação (número de dias em produção):
5.6 Idade ou Ordem de parto de Descarte das vacas:
5.7 Taxa de Reposição do Rebanho (incorporação de animais)
(número de animais vendidos/descartados/abatidos por ano em relação ao número total de animais da propriedade)
5.8 Consumo de Volumoso - Feno, Silagem, Capim Verde (diário, mensal e total)
diária

mensal
total
5.9 Ração total misturada
vagão misturador
manual (no cocho, barracão, etc..)
5.10 Consumo de Concentrado
Qual produto?
Época de uso (meses ou época do ano)
Manejo de fornecimento (misturado, separado)
Horários de fornecimento
Quantidade fornecida/vaca/dia
Tamanho do cocho
Tipo de cocho
Composição (ingredientes e porcentagens)
5.11 Incidência de Doenças (mastite, febre do leite, retenção de placenta, aborto)
Testes periódicos (sanitário ou qualitativo)
Procedimentos
5.12 Quantidade de Remédios e Vacinas utilizados
Principais produtos utilizados
Época de aplicação
Critério
5.13 Quantidade de Sal mineralizado consumido
Qual produto?
Época de uso (meses ou época do ano)
Quantidade fornecida/vaca/dia
Tamanho do cocho
Tipo de cocho
5.14 Média de Ordem de Lactação do rebanho (primeira, segunda, etc.) NÚMERO DE CRIAS
() 17 a 25 litros () 12 a 17 litros () 8 a 12 litros
5.15 Secagem da vaca (FINAL DA LACTAÇÃO)
Período
Forma: () gradual () brusca () outros especificar
Manejo
5.16 Ordenha
Tipo de ordenha: () manual () mecânica

	Horários: _____h da manhã _____h da tarde
	Número de ordenhas/dia
5.17	Testes de mastite () sim () não
	Principais testes
	Época de aplicação
	Periodicidade (dia, semana, mensal)
5.18	Higienização de equipamentos () sim () não
	Principais produtos utilizados
	Forma de aplicação
5.19	Higienização de tetos () sim () não
	Produtos
	Procedimentos:
	Seqüência de ordenha (vacas, lactação, sanidade) ordem de ordenha das vacas
	Instalações
	6 REPRODUÇÃO
6.1	Número de Partos por vaca
6.2	Número de Doses de Sêmen (Inseminações) por prenhez positiva
6.3	Número de Doses de Sêmen (Inseminações) por cio
6.4	Qual o número de cios tolerado para o descarte da vaca/novilha
6.5	Intervalo de partos (dias/meses entre um parto e outro)
6.6	Período de Serviço (dias entre o parto até a primeira cobertura)
6.7	Escore Corporal ao parto
	Escore Corporal aos 100 dias após o parto
	Escore Corporal aos 200 dias
	Escore Corporal ao final da lactação (secagem)
	Observação: Os valores dos Escores (condição corporal) deverão ser dados de 1 a 5, sendo 1⇒ muito magra e 5⇒ muito gorda.
6.8	Idade ao primeiro parto
	Peso ao primeiro parto
6.9	Número de touros da propriedade
	Procedência do touro (raça, linhagem, região de origem)
	Critério de seleção dos touros
6.10	Critério utilizado para a compra de sêmen (produção, tipo, pureza, preço, etc.)
6.11	Aquisição de matrizes (critérios, fazenda, raça, etc.)
6.12	Critério para a monta (touro x vacas) interações entre famílias
	7-SANIDADE
7.1	Incidência de Doenças no rebanho (quais?)
7.2	Incidência de Verminoses
	Produto utilizado
	Época de aplicação
	Categoria animal
7.3	Incidência de Abortos (época-mês, motivo)

7.4 Incidência de Mastite no rebanho (quantas vacas?)
Quais os testes de Mastite realizados na propriedade
() CMT () WMT () CCS () outros especificar
Qual o intervalo entre os testes () diário () semanal () mensal () anual () nunca faz
7.5 Quais Remédios utilizados no rebanho?
Quais Vermífugos utilizados?
7.6 Quantidade de Desinfetante utilizada (instalações e ordenha)
7.7 Quais vacinas são realizadas na propriedade () Aftosa () Brucelose () Leptospirose () IBR () Babesiose () Carbúnculo () Raiva
7.8 Qual a idade/época de aplicação das vacinas (descreva)
8 Serviços de terceiros/orientação técnica () sim () não
() agrônomos () veterinários () zootecnistas () outros especificar
8.1 Periodicidade dos serviços : () semanal () mensal () anual
8.2 Orientações são particulares ou governamentais? _____ Órgão? _____
9.3 Satisfação com os serviços prestados:
() bom () ruim () ótimo () regular
8.4 Participa de reuniões sobre a cadeia produtiva () sim () não
Cooperativa
Associação
Treinamentos e cursos
8.5 Qual foi o último curso que participou?
8.6 Participou de algum programa de assistência técnica anterior?
8.7 Quais assuntos gostaria de saber mais? 1 a 5
() Higiene e manejo de ordenha
() Produção de silagens e capineiras
() Alimentação e manejo de vacas leiteiras
() Produção e manejo de pastagens
() Outros
8.8 Possui resfriador? () próprio () coletivo
Capacidade (litros)
8.9 Armazenamento para entrega
Tambores: () metálicos () plásticos
Local do armazenamento : () céu aberto () local coberto
8.10 Onde é feita a entrega da produção
() Laticínio nome:
() Cooperativa

<input type="checkbox"/> Associação
Não entrega/consumo
8.11 Como é feito o transporte do leite da fazenda até o destino final?

9. DADOS ECONOMICOS

9.1 Efetua o controle de custos da sua produção
 sim não

9.2 De que forma?
 planilha de custos
 caderno
 anotações da compra do mês
 não

9.3 Quais os tipos maquinários que possuem e quantidade e valor

	Quantidade	valor
1. Picadeira de forragem	_____	_____
2. Pulverizador	_____	_____
3. Resfriador de leite	_____	_____
4. Botijão de semem	_____	_____
5. Carroça	_____	_____
6. Odenhadeira mecânica	_____	_____
7. Ensiladeira	_____	_____
8. Trator	_____	_____
9. Arado	_____	_____
10. Grade	_____	_____
11. Balança	_____	_____
12. Equipamento para irrigação	_____	_____
13. Utensílios	_____	_____
14. Balde	_____	_____
15. Latões	_____	_____
16. Triturador	_____	_____
17. Veiculo	_____	_____
18. Roçadeira	_____	_____
19. Carretinha	_____	_____
20. caminhão	_____	_____

INSTALAÇÕES		
1. Casa	_____	_____
2. Curral	_____	_____
3. Barracão	_____	_____
4. Silo	_____	_____
5. cercas	_____	_____

9.4 Qual o valor pago pelo leite por litro R\$ _____

9.5 Qual o valor pago na venda dos animais R\$ _____
 Descarte _____ novilho _____ bezerro _____

9.6 Qual o gasto nos seguintes itens abaixo (mensal)

1. Alimentos volumosos (silagem, feno, capim verde) concentrados R\$ _____
2. Alimentação concentrados (ração, farelo) R\$ _____
3. Fertilizantes, defensivos, sementes R\$ _____
4. Mão-de-obra contratada para manejo do rebanho R\$ _____
5. Manutenção de pastagens R\$ _____
6. Manutenção de capineira R\$ _____
7. Reparos de benfeitorias R\$ _____
8. Reparos de máquinas R\$ _____
9. Silagem R\$ _____
10. Leite para bezerro R\$ _____
11. Suplementos (sal mineral) R\$ _____
12. Medicamentos R\$ _____
13. Material de ordenha R\$ _____
14. Transporte do leite R\$ _____
15. Energia e combustível (álcool, gasolina e óleo diesel) R\$ _____
16. Inseminação artificial R\$ _____
17. Impostos e taxas R\$ _____
18. Outros gastos de custeio R\$ _____
19. Arrendamento da terra – receita R\$ _____
20. arrendamento da terra – despesas R\$ _____
21. Mão-de-obra eventual/ serviços prestados R\$ _____

Observações do pesquisador

Data _____/_____/_____

Assinatura do entrevistado _____

Nome _____